

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

ALINE LÚCIA DE PAULO

DIÁLOGOS COM E SOBRE MULHERES NEGRAS:
TRAJETÓRIAS E ENREDOS DE TRABALHADORAS EM SERVIÇO
NA UFU.

UBERLÂNDIA

2015

4282 (c)
5.9

Aline Lúcia de Paulo

Diálogos com e sobre Mulheres Negras:
Trajetórias e enredos de trabalhadoras em Serviço na
UFU.

Trabalho apresentado junto ao
curso de História da
Universidade Federal de
Uberlândia, como parte dos
requisitos para a obtenção do
título de Bacharela e Licenciada
em História.

Área de concentração: História
Social.

Orientadora: Prof.(a) Dr.(a)
Célia Rocha Calvo.

Uberlândia

2015

Aline Lúcia de Paulo

Diálogos com e sobre Mulheres Negras:
Trajetórias e enredos de trabalhadoras em Serviço na UFU.

Trabalho apresentado junto ao curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharela e Licenciada em História.

Área de concentração: História Social.

Uberlândia, 20 de fevereiro de 2013

Banca Examinadora

Janaina Jácome dos Santos - (Mestre em História Social - UFU)

Janaina Ferreira Silva - (Doutoranda em História Social - UFU)

Prof(a). Dr(a). Célia Rocha Calvo (orientadora)

Aos meus pais, os
quais me
possibilitaram iniciar
minha busca e traçar
meu caminho, sem esta
relação recheada de
amor, conflito,
respeito, discordância
e apoio não seria quem
hoje eu sou.

É importante saber que nossos passos vêm de longe, porque eu sou Nzinga, sou uma rainha e lutei contra a escravidão.

Eu sou Carolina Maria de Jesus, escrevo a minha própria história.

Eu sou Aquatune, uma princesa quilombola.

Eu sou Chica da Silva, enfrentei a sociedade machista e racista.

Eu sou a imperatriz Taytu Bitul, liderei exércitos em defesa da minha nação.

Eu sou Léa Garcia e Ruth de Souza, sou a arte, tenho múltiplas facetas.

Eu sou Antonieta de Barros, fui a primeira deputada negra na história do Brasil.

Eu sou Cleópatra, minha história já foi contada de mil maneiras.

Eu sou Acotirene, fui liderança em Palmares.

Eu sou Helenira Rezende, lutei contra a ditadura militar e morri no Araguaia.

Eu sou Clementina de Jesus, a minha voz ecoou no mundo.

Eu sou Nã Agotimé, fui rainha no Daomé e na Casa das Minas no Maranhão.

Eu sou Maria Firmina dos Reis, a primeira mulher a publicar um livro de literatura no Brasil.

Eu sou a rainha Tereza do Quariterê, sou rainha, sou quilombola.

Eu sou Lélia Gonzalez, sou militante do movimento negro e do movimento feminista.

Eu sou Mãe Stella de Oxóssi, sou guardiã da cultura e das religiões de matriz africana no Brasil.

Eu sou Luiza Mahin, lutei pela construção de uma sociedade mais justa.

Eu sou rainha de Sabá, meu nome está marcado na história.

Eu sou Anastácia, sou símbolo de luta do povo negro no Brasil.

Eu sou Zeferina, liderei revoltas.

Eu sou a minha mãe, eu sou a minha avó, sou retirante nordestina. Eu sou essas e tantas outras mulheres negras anônimas, pois contando a trajetória das mulheres negras falo de mim mesma simultaneamente, crio e recrio a nossa história, a história de mulheres negras que não tiveram o direito de conhecer o seu próprio passado. Eu sou todas essas mulheres, pois quando conto a história de resistência delas, desconstruo o silêncio e a subalternidade destinada às mulheres negras do Brasil e a mim. Portanto, descubro que nossos passos vêm de longe e que somos todas rainhas.

(extraído de 25 de julho: Feminismo Negro contado em primeira pessoa/ o filme)

RESUMO

Com a metodologia adotada e com a escrita deste trabalho buscou-se a compreensão e a aproximação do sujeito histórico mulher negra servente de limpeza na Universidade Federal de Uberlândia. Por meio da produção de fontes orais, oriundas do diálogo com as trabalhadoras terceirizadas atuantes no setor de conservação e limpeza no ano de 2013 no âmbito da UFU, com o intuito de captar a experiência social de trabalho constituinte deste sujeito histórico. A partir desta percepção iniciara-se uma reflexão acerca das experiências de trabalho destas mulheres, além de como elas vivenciariam a cor negra em suas trajetórias de vida.

Palavras- chave: Mulheres Negras, conservação e limpeza, UFU.

ABSTRACT

With a methodology adopt and writing of this work searching the comprehension and approximation of subject historical black woman servant cleanness in University Federal of Uberlândia. With a production of wellspring of information oral, derived of conversation with the workers outsources to act in the sector of conservation and cleanness in the year of 2013 in the ambit of UFU, with the design of captivate the experience social of work representative of this historical subject. As from this perception starting one refection about the experiences of working of this womans, besides of how she's living the black collar in yours tajectories of life.

Keywords: Black Womans, conservation and cleanness, UFU.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	1
2 VISIBILIDADE SOCIAL E EXPERIÊNCIA DE TRABALHO .	13
3 SER NEGRA: QUESTÕES ÉTNICAS E RACISMO.....	47
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
5 REFERÊNCIAS.....	70
6 ANEXOS A - Projeto Básico de Limpeza Predial	71
7 APÊNDICE A - Roteiro de entrevistas.....	72
8 APÊNDICE B- Transcrição das entrevistas.....	73

Introdução

O tema escolhido para minha pesquisa de monografia foi sobre as mulheres negras que trabalhavam pelas empresas terceirizadas de cuidado e limpeza no âmbito da Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2013. Para sua concretização foi criado um roteiro de perguntas, as quais não foram seguidas de forma rigorosa, porém foram as questões que me instigaram, sendo assim o norte da pesquisa. O roteiro de questões seguirá como apêndice ao final do trabalho e também está transcrito nas entrevistas feitas com cada uma das trabalhadoras.

Iniciei minha pesquisa de monografia no final do mês de julho, apesar do grande interesse que tinha desenvolvimento da temática, tive algumas dificuldades em começar as entrevistas. Percebi aos poucos que o que me impedia de chegar até estas trabalhadoras, seria a percepção de que, apesar de dividirmos os mesmos espaços, fazíamos parte de vivências e de "realidades" muito diferentes, percepção confirmada no decorrer do trabalho. Quando as observava inicialmente partia do pressuposto de que éramos iguais, que teríamos os mesmos anseios e que dividiríamos a mesma percepção de "realidade". Havia desenvolvido uma idéia de cumplicidade entre nós, baseada em nossa cor, que fora quebrada antes mesmo do início da pesquisa. Esta perspectiva se desfez, isto tornara as minhas tentativas de aproximação mais difíceis, pois a noção de nosso distanciamento fez com que começasse a ter receio de abordá-las. De acordo com Stuart Hall os novos estudos sociológicos sobre o indivíduo haveriam desenvolvido:

Uma explicação alternativa do modo como os indivíduos são formados subjetivamente através de sua participação em relações sociais mais amplas; e, inversamente do modo como os processos e as estruturas são sustentados pelos papéis que os indivíduos nele desempenham. Essa "internalização" do exterior no sujeito, e essa "externalização" do interior, através da ação no mundo social, constituem a descrição sociológica primária do sujeito moderno e estão compreendidas na teoria da socialização. (HALL, 2006, p.31)

Percebi que havia desenvolvido uma forma de notar ou mesmo julgar o sujeito histórico que escolhera com prepotência, a partir de meus pontos de vista e valores, desprezando os delas. Somente conhecendo o local no qual elas se constituíam e que também era constituindo por elas teria a possibilidade de compreendê-las um pouco.

mais. Pensando na questão das diferenças, Yara Aun Khoury avalia que ao aderirmos à metodologia da história oral estaríamos lidando com processos de visão, investigando novas alternativas nas problemáticas vividas e que isso passaria pela ampliação da noção de direitos. A ampliação viria neste sentido como o direito de grupos e comunidades viverem conforme os seus estilos próprios de vida, usarem seus idiomas, buscarem seus objetivos e terem um tratamento justo por parte do Estado no qual vivem.

Partindo destes pressupostos nossas diferenças se ampliariam, nossos modos de vida eram muito diferentes, o modo delas seria considerado socialmente, pensando na perspectiva de outras classes que comporiam a sociedade, como menor ou pior quando comparado a alguns outros, como ao meu por exemplo. Apesar de mulher e negra eu participava da cultura letrada hegemônica, tinha um período de escolarização acima da média quando comparado ao das demais mulheres negras, além do ensino superior em uma instituição pública, estes elementos aparecem à nossa classe social como um privilégio; muito diferente do grupo com o qual eu havia sido socializada, para o qual uma formação acadêmica era visto como algo comum, como destino de cada membro componente da classe. A posição ocupada pelas trabalhadoras do setor de cuidado e limpeza, pensando a sociedade organizada de maneira hierárquica em que os elementos de uma classe social sobrepujariam o das outras, era considerada como inferior, uma forma de pensamento que inclusive as serventes de limpeza entrevistadas em maior ou menor grau consentiam. Não tínhamos respeito nos movimentos sociais de que eu havia participado, os quais diziam lutar por nossa causa. Apontadas por alguns de seus segmentos como seres menos capazes que deveriam ser tutelados, excluindo nossa experiência como sujeita e buscando por igualdade para o grupo sem o consentimento ou mesmo presença do grupo, o que me parecia uma enorme hipocrisia. Pensando este sujeito histórico amplo e diverso como um bloco hegemônico, perdendo a noção da amplitude das diferenças abarcadas dentro de uma classe e retirando a autonomia dos sujeitos históricos pelos quais diziam lutar.

De acordo com a socióloga Elisabeth Souza-Lobo a classe operária ao defender a idéia de uma unidade, por vezes anulava as diferenças entre homens e mulheres nas práticas trabalhistas. “A idéia de *unidade*, no conceito de unidade da classe operária confunde-se com a idéia de *identidade*, que exclui a noção da *diferença*” (SOUZA LOBO, 2011, p.45). Assim gradativamente pude perceber as inúmeras dificuldades

enfrentadas pelas mulheres trabalhadoras, dividiam seu dia entre as responsabilidades no trabalho na Universidade e o trabalho feito em suas casas. Além do cotidiano cansativo, assumindo o papel de cuidadoras do lar e no caso das mulheres negras aqui em questão de cuidadoras e provedoras, elas não encontravam reconhecimento por parte de grupos que se organizavam em prol dos direitos trabalhistas, como os sindicatos e mesmo o movimento negro; o enrijecimento em suas cartilhas impediria a percepção da diferença presente na classe trabalhadora. Haveria uma dificuldade em perceber a especificidade das trabalhadoras, incorrendo por vezes em discursos e práticas excludentes, o que os tornaria espaços pouco atraentes para estas mulheres.

De acordo com Elisabeth Lobo eles seriam espaços que proporcionariam apoio e publicização das condições de trabalho, avaliando-os dentro desta perspectiva, no caso das serventes de limpeza negras da Universidade, teriam tornado-se espaços esvaziados por não conseguir acompanhar a reorganização das relações de trabalho e as diferenças dos sujeitos históricos componentes da classe trabalhadora. Partir do conceito de resistência pautado e pregado pelas organizações trabalhistas ou mesmo em uma idéia determinada do que seria resistir impediria a discussão acerca das diversas experiências de trabalho, que perpassariam à esfera da produção e da reprodução. No caso das trabalhadoras negras do setor de conservação e limpeza da Universidade Federal de Uberlândia não haveria o cuidado de percebê-las em suas singularidades, a militância de cartilha haveria se tornado incapaz de ver além do sujeito histórico membro da classe trabalhadora que ela mesma haveria construído, idealizado e inexistente. Somente a partir de discussões mais sensíveis e perceptivas acerca das vivências cotidianas, que iriam além do período presente no ambiente de trabalho, poderíamos começar a compreender o modo de vida destas trabalhadoras. Seria no cotidiano visível e invisível que se desdobrariam as práticas sociais dos homens e das mulheres, nele poderíamos perceber as diferentes formas de inserção dos gêneros no trabalho e em outros espaços sociais.

Ser considerado cidadão no Brasil perpassaria por critérios de inclusão e de exclusão, tanto no que diria respeito aos direitos quanto na demarcação das responsabilidades sociais. Dois aspectos seriam determinantes no reconhecimento dos sujeitos enquanto cidadãos, sendo eles o sentimento de pertencer e a localização no mapa social. O sentimento de pertencimento diria respeito ao compartilhamento de memórias, interesses e experiência com os outros, seria o fazer parte de uma ampla

coletividade; aqui estariam presentes valores profundos, além de uma grande carga emocional e simbólica. O segundo aspecto diria respeito à legitimidade do sujeito em poder estar presente em um local físico compartilhado, a localização no mapa social seria ter uma posição social reconhecida dentro de um sistema de relações sociais que permitiriam e que impediriam.

Pelos usos e costumes, reconhecem-se e validam-se fronteiras simbólicas e políticas no interior da nação, configurando os espaços sociais que lhes correspondem, e regula-se o acesso a recursos os mais variados. Tais princípios não são fixos, embora alguns tendam a receber uma forte inflexão naturalizante por parte da sociedade. (KHOURY, p.127)

Pensando assim a minha diferença em relação às negras serventes de limpeza da Universidade encontrar-se-iam prioritariamente no reconhecimento dos lugares que ocupávamos, nossa localização no mapa social fora pré-determinada e a partir dela seriam regulados nossos acessos aos demais recursos sociais. As questões que me instigavam era a de como esses locais seriam construídos cotidianamente, como se manteriam? Como estes sujeitos se constituiriam com e a partir destes espaços? Estes sujeitos negariam ou confirmariam o lugar pré-definido, qual seria a experiência destas mulheres? Acredito que poderíamos ser iguais em nossas diferenças, a pesquisa fora feita com o intuito de apreender parte da vida dessas mulheres. Quisera compreender e compartilhar parte de nossas vivências diversificadas enquanto mulheres negras, e assim deslocar as fronteiras do patamar social previamente estipulado, e recorrentemente confirmado por intermédio de nossas práticas.

Nessa perspectiva, intercambiar experiências e pontos de vista significa um encontro e uma troca, que se faz a partir de lugares sociais diferentes, no jogo das relações sociais vividas, do qual nós pesquisadores também somos parte. Trata-se de uma conversa através de fronteiras, que tem um caráter tanto político, quanto psicológico e afetivo. Movidos pelo interesse nas questões do social que trabalhamos e pelo compromisso de incorporar a experiência das pessoas com quem conversamos à explicação histórica que produzimos, temos refletido sobre os significados dessas fronteiras que permeiam as relações sociais e a interlocução, como parte delas. Ao procurarmos fazer da entrevista um espaço aberto para a construção de um diálogo efetivo, esbarramos sempre em obstáculos, por vezes dificilmente perceptíveis e, por outros, causando-nos estranhamentos. (KHOURY, p.126)

Após iniciar as entrevistas pude perceber o quanto havia me equivocado no que dizia respeito àquelas mulheres, pude perceber gradativamente que estarmos presente em um mesmo espaço físico não necessariamente nos tornava mais próximas, que nossas experiências e percepções eram adversas, a cumplicidade que havia criado não existia. Com a minha inserção nos movimentos sociais, com a observação e diálogo com os sujeitos que participavam deles, havia desenvolvido uma concepção acerca dos setores denominados como oprimidos, constituiriam um bloco homogêneo. Acreditando nesta perspectiva, avaliara que o sujeito oprimido mulher negra, tratar-se-ia de um grupo coeso e único, desprezando assim suas subjetividades. Fundamentada nesta matriz de pensamento, chegara a acreditar que uma forma de opressão também homogênea recairia sobre o grupo. Pensara que elas necessitariam de apoio para romper com o ciclo da opressão que nelas haveria se instaurado. Com uma percepção tão mecânica do mundo e das relações, anulava a ação delas como sujeitos de sua história, era como se elas não vissem a trama social que produziam e pela qual também seriam produzidas. Porém a lente de percepção a qual havia me agarrado, limitava o mundo e as relações nele desenvolvidas dentro da lógica binária do certo e do errado, dessa forma hierarquizava nossas percepções e posturas no mundo, as minhas seriam as certas, involuntariamente acabara por reproduzir o comportamento que tanto havia contestado.

A experiência proporcionada pelo trabalho de campo da pesquisa me permitiu amadurecer, fora percebendo aos poucos as limitações da minha forma de pensar, enxergando assim os anseios destas mulheres e a forma como viviam suas experiências, as quais apareciam como elementos centrais em sua constituição como sujeitos históricos. Apesar das limitações sofridas nos espaços sociais nos quais vivemos, ainda teríamos poder de escolha. Seria na mudança constante implementada sobre estruturas sociais dadas como prontas, na alteração do que estaria posto, ocorrido juntamente a reavaliações de cunho pessoal, que nos faríamos enquanto sujeitos de nossas histórias. As serventes negras da Universidade tanto criavam como eram criadas pela estrutura social de que participavam, ao produzir as fontes orais tivera a possibilidade de vislumbrar algumas de suas perspectivas e prioridades, as quais não demonstravam somente pela fala, estavam também presentes nas posturas assumidas frente ao mundo.

A pesquisa ampliou minha percepção, foi interessante perceber como as experiências pessoais/sociais, que são também da classe de pertencimento, fazia com

que tivessem visões de mundo próximas. O conceito de experiência utilizado no trabalho baseia-se no desenvolvido por Edward Palmer Thompson:

Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro deste termo _ não como sujeitos autônomos, 'indivíduos livres', mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida 'tratam' essa experiência em sua consciência e sua cultura (as duas outras expressões excluídas pela prática teórica) das mais complexas maneiras (sim, 'relativamente autônomas') e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada (THOMPSON, p.182).

As trabalhadoras entrevistadas foram Solange, Thaís, Marílis, Edna, Maria, Rosângela, Karina, Otacília, Rosa, Dina, Elis, Alvani, Edna e Sônia. Elas moravam majoritariamente em bairros afastados da Universidade, tinham rotinas parecidas. Acordavam de madrugada para pegar o primeiro ônibus disponibilizado pela empresa de transporte. A maioria das serventes entrevistadas trabalhava no turno da manhã e tinham embarcar no primeiro trajeto, caso não conseguissem poderiam ter problemas com o horário de bater o ponto, que era às seis da manhã. O não cumprimento dos horários, controlados por este dispositivo, poderia se desdobrar em cortes na folha salarial ou na exigência da empresa no cumprimento de horas que sanassem as quarenta e quatro horas semanais previstas em contrato. O transporte público era seu principal meio de locomoção, buscara em suas narrativas como seria a rotina comum vivenciada por elas no transporte público da cidade de Uberlândia, a partir de suas percepções individuais como seria essa ida para o trabalho e volta para a casa? Qual seria o tempo gasto e como elas percebiam o trajeto? Todas eram mães e a maioria morava junto com um parceiro sem possuir um contrato de união estável, não se considerando por isso casadas, apresentavam-se como mulheres solteiras ao serem questionadas sobre sua situação civil, porém posteriormente ao descrever seu cotidiano falavam sobre seus companheiros. A maioria não havia nascido em Uberlândia, mas viveria na cidade há mais de dez anos.

A maioria acreditava que o fato de ser negra (a maioria se considerava assim) poderia ter sido um elemento que haveria dificultado suas pretensões ao longo das trajetórias pessoais. Avaliavam que o racismo existiria sendo constituído como atitudes provenientes da sociedade que impediriam os negros de auferir de direitos sociais

teoricamente disponíveis a todos, a cor funcionaria como critério de seleção, na qual o segmento branco sairia inicialmente com privilégios. As pessoas brancas e as pessoas negras não partiriam do mesmo patamar econômico, social e cultural, os brancos teriam privilégios quando comparado aos negros. Algumas narraram parte de suas experiências no interior da Universidade, local onde a presença de negros seria ínfima quando comparada a de brancos, como uma constatação da grande desigualdade social e de acesso aos bens públicos existente entre os dois segmentos. Tinham inúmeras atividades em mente além da que exerciam naquele momento, suas pretensões variavam entre serem seguranças, veterinárias, cozinheiras, pediatras, ou mesmo a dedicação exclusiva ao trabalho doméstico em suas casas. Acreditavam haver boas oportunidades de emprego disponíveis na cidade de Uberlândia, porém haveria uma série de fatores que permitiriam ou não a ocupação destas vagas; algumas afirmavam que para quem de fato quisesse trabalhar, emprego não faltaria, porém o nível de escolaridade e a cor seriam determinantes na obtenção de um bom posto de emprego. Um maior período de escolaridade era percebido por elas como fator diretamente ligado à consecução de uma melhor condição de vida. O trabalho seria para elas além fonte de sustento uma forma de sociabilidade, afirmavam que sem trabalho uma pessoa não seria nada, ele permitiria o contato com novas pessoas cotidianamente, além da troca de experiências com suas companheiras de trabalho, muitas afirmaram que sem estes elementos suas vidas não fariam sentido.

Ao buscar a memória das serventes de limpeza da Universidade Federal de Uberlândia tento construir parte da experiência deste sujeito histórico, com o intuito de compreender como elas vivenciariam sua singularidade e como a mesma se encaixaria em um contexto social mais amplo. Este trabalho permitiu que exercitasse minha sensibilidade social no meio onde vivo, fez com que ampliasse minha percepção acerca dos diferentes modos de ser e de se viver. Quais seriam os significados atribuídos por elas às suas experiências sociais? Seus comportamentos significariam uma alternativa ao poder instituído? Seriam elas enquanto sujeitos nos processos em que estão envolvidas possíveis vetores de mudanças históricas?

Partindo do pressuposto de que a história seria um processo de disputa entre elementos sociais, nela estariam envolvidos valores, sentimentos e interesses. A vida cotidiana será pensada aqui em sua dimensão histórica e política, como os processos sociais criariam significados e construiriam a História. As diferenças serão abordadas

como qualidades alternativas, como as práticas das serventes de limpeza negras da Universidade questionariam ou subverteriam a ordem? A cultura compreendida como um modo de vida, em específico como o modo de vida destas mulheres, constituiria sua experiência no mundo, tendo os mais variados significados para os sujeitos que dela participam. Ao produzirem sua cultura, que seria também seu modo de vida, reivindicariam seu direito à diferença?

Como as lutas por direitos vão além das usuais questões de classe e da busca da possibilidade de informar-se, instruir-se ou expressar-se a partir de lugares sociais reconhecidos e implicitamente postulados como fixos ou de compartilhar um conjunto bem delimitado de direitos; elas incluem, 'necessariamente, o direito de construir e reordenar diferenças, identidades e identificações: o direito a mudar, a rejeitar ou a reinventar tradições [...] os debates e embates atuais em torno de direitos sociais e culturais buscam não apenas pluralizar os lugares sociais como atuam também no sentido de procurar garantir a liberdade de criar e modificar fronteiras, alianças e forma estabelecidas (ou tradicionais) de identificação (KHOURY, p.119).

No trabalho com as fontes orais foram construídas narrativas particulares de cada uma das serventes, suas falas seriam atos interpretativos, formas utilizadas pelos sujeitos para organizar suas experiências de vida. Nas entrevistas pude perceber a expressão da consciência de cada uma no que se refere ao seu modo de vida. Os diálogos expuseram o sentido que cada uma atribuiria aos fatos narrados, de acordo com Yara Khoury, as narrativas, embora sejam pessoais, se fariam na experiência social, sendo constitutivas dela e reconhecidas como tal segundo padrões de significação. As narrativas referir-se-iam ao passado, sendo estruturadas a partir da projeção de imagens, os fatos seriam organizados no espaço e no tempo dentro da perspectiva histórica de cada narradora. As narrativas carregadas de acontecimentos passados denotariam a projeção social que estas mulheres fariam de si mesmas, além de fomentar e construir suas identidades que seriam mutáveis. Nosso compromisso de inventariar as diferenças e de perceber as tendências que tencionariam a dinâmica social passaria pela compreensão dos processos sociais de construção de memórias. Como as criações das narrativas feitas na experiência diária se cristalizariam em memórias, processo que se refeito constantemente no cotidiano destas mulheres, se vincularia à questão identitária?

E de que forma estas identidades estariam ligadas às reivindicações de direitos sociais e culturais?

Considero a metodologia adotada como uma escolha política, ao buscar as memórias de um grupo negado pela sociedade por ele também construída, contesto uma das manifestações da ideologia dominante. Como apontara Alessandro Portelli, compreendo a escolha metodológica como uma extensão da política.

Acredito na história oral precisamente porque ela pesquisa a memória de indivíduos como um desafio a essa memória concentrada em mãos restritas e profissionais. E penso que parte de nosso desafio é o fato de que realmente encaramos a memória não apenas como preservação da informação, mas também como sinal de luta e como processo em andamento. Encaramos a memória como um fato da história; memória não apenas como um lugar onde você "recorda" a história, mas memória "como" história.[...] insistindo no fato de que a memória é um processo, algo que está acontecendo agora, do qual todos participamos (PORTELLI, p.69).

A produção das fontes provocara a memória destas mulheres. A minha presença, as perguntas estabelecidas, as reações, foram norteadoras do processo de investigação. Por mais que nos encontremos em uma sociedade na qual existam estruturas e sendo elas anteriores a nos, a constituição histórica das classes dependeria da forma como seus membros experimentariam as condições estruturais; suas experiências embasariam seus valores e os seus interesses.

Analizando a experiência do sujeito histórico mulher negra e trabalhadora do serviço terceirizado de conservação e limpeza da Universidade Federal de Uberlândia tento explicitar a identidade por elas criada e assumida em suas narrativas pessoais, elaborada em experiências comuns que se corporificariam em instituições e a forma como elas atualizariam suas práticas coletivas. A identidade não se fecharia, não se tratando de uma essência, oscilaria de acordo com as práticas do grupo e com a elaboração histórica que lhe confere substância. A identidade móvel dependeria “*das experiências vividas e que ficaram plasmadas em certas representações que aí emergiram e se tornaram formas de o grupo se identificar, reconhecer seus objetivos, seus inimigos, o mundo que o envolve*”(SADER, 1988, p. 44). As serventes de limpeza constituir-se-iam enquanto grupo na vivência coletiva das relações de produção e na

experimentação conjunta de determinadas situações, modelariam suas experiências pautando-as em uma cultura e em expectativas herdadas. A realidade dita objetiva não seria exterior a elas, mas sim o conjunto dos significados das ações sociais que a constituíram enquanto realidade social, o sujeito histórico servente de limpeza constituir-se-ia por meio deste processo como produtos e produtoras do social.

Ao percebê-las em sua historicidade pude romper com a perspectiva hegemônica da história na qual se nega a contradição, a dor, a dureza, a instabilidade, a complexidade que envolveria a existência humana. A gradual desconstrução de uma história pré-determinada, possibilitada pela percepção deste sujeito histórico, nos faz vê-las fazendo suas histórias e também ter uma dimensão da minha. No processo histórico inexistem certezas, a instabilidade da vida da qual a História trata, serviria para que busquemos alternativas, outras respostas, outras maneiras de pensar, outras formas de viver, uma vez que viver e fazer História trata-se disso, de enxergar novas possibilidades e abri-se ao novo, um elemento constante na História e em nossas existências seria a novidade. As teorias históricas totalizantes visam organizar a experiência humana como um processo histórico natural, linear e coeso, elas impediriam a compreensão e o dimensionamento da complexidade da existência humana.

O sujeito abordado constituir-se-ia por meio do discurso, o “discurso” pensado como o uso ordenado da linguagem, ele revelaria a ação e também o sujeito. As falas das serventes permitem que vislumbremos a maneira pela qual se elaboram, narrando suas ações como sujeitos.

Como insistem os linguistas, a linguagem não é um mero instrumento neutro que serve para comunicar alguma coisa que já existisse independentemente dela. A linguagem faz parte das instituições culturais com que nos encontramos ao sermos socializados. É na verdade a primeira delas e que dá o molde primordial através do qual daremos forma a qualquer de nossos impulsos. Ela é condição tanto no sentido de que nos “condiciona”, nos inscreve num sistema já dado, quanto no sentido de que constitui um meio para alcançarmos outras realidades, ainda não dadas. (SADER, Eder. 1988, p. 57)

O que constituiria o sujeito histórico seriam seus anseios, necessidades, medos, motivações, suas experiências individuais e coletivas que se dariam em suas relações sociais. Quanto questionadas acerca do trabalho na Universidade, afirmavam

gostar dele, disseram ter se habituado. Pensávamos de forma diferente sobre as exigências das rotinas de trabalho, suas narrativas fizeram com que reavaliasse minha perspectiva. Não acreditavam que suas funções se restringissem ao momento presente no interior da Universidade, cuidando efetivamente da limpeza, dentro da jornada diária na Universidade incluíam o tempo gasto no deslocamento, além da preparação prévia para o exercício de suas funções que acabava por determinar suas rotinas. A maioria delas dizia não ser um trabalho com muitas exigências, não se sentiam desgastadas pelo cumprimento das funções. Houve reclamações esporádicas sobre as rotinas organizadas em prol do trabalho e do cansaço proveniente dele, porém algumas avaliações caminhavam no sentido de que estas seriam exigências de qualquer função que viessem a exercer. Todas as serventes entrevistadas ocupavam a função na Universidade há mais de um ano.

Diziam ter boas relações com seus superiores, neste caso com as encarregadas determinadas pelas empresas, elas eram responsáveis pela fiscalização da execução de seus trabalhos e do cumprimento das cargas horárias. Em todas as empresas eram mulheres, uma exercia o trabalho de servente de limpeza juntamente ao de encarregada, que era o caso de Edna, contratada pela empresa Eficaz. Com os frequentadores da Universidade avaliavam possuir boas relações, algumas disseram ter estabelecido ótimas amizades no local. Antes trabalhar na Universidade haviam se dedicado às mais variadas funções, como doméstica, como funcionárias de indústrias da região, no recolhimento de material reciclável, como trabalhadora rural. Todas disseram gostar do trabalho atual, tendo encontrado nele maior liberdade na execução de suas atribuições. Quando não estavam ocupadas com as funções trabalhistas, gostavam de ir à igreja, de estar junto à família, de ir à bares, de dançar, de participar da construção da festa do Congado, de ver filmes, ocupavam seu tempo das formas mais variadas. O período de escolaridade restringia-se ao ensino fundamental, somente uma o havia concluído esta etapa, as demais abandonaram a escola em séries anteriores.

No primeiro capítulo ficarei restrita ao contato que tive com elas no espaço da Universidade. Como elas se apresentam e se portam neste espaço? A visibilidade delas no âmbito acadêmico seria determinada por elas? Quais seriam as experiências de trabalho destas mulheres e a influência delas em suas vidas. Pensando um pouco em como as experiências de trabalho anteriores, tinham influência na maneira como elas percebiam a atual. No segundo capítulo a questão central será nas maneiras como elas

experimentam as suas condições de mulheres negras, experiência que perpassa todos os âmbitos de suas vidas. O que seria para elas "ser negra", partindo das experiências que a cor lhes havia proporcionado, suas narrativas caminharam para os mais diversos assuntos e passagens de suas vidas em que a cor havia se mostrado como um elemento importante na constituição de suas individualidades.

Visibilidade social e experiência de trabalho.

O encontro diário com as mulheres entrevistadas na pesquisa foi determinante na escolha do tema. Ao caminhar pelos espaços da Universidade o contato visual era recorrente, estavam nas mesas que se encontram entre os blocos, no interior deles e nos banheiros. Sabia que eram trabalhadoras terceirizadas por ter conhecimento de que o serviço de conservação e limpeza da Universidade havia passado por este processo há algum tempo, além dele tinha conhecimento da terceirização de alguns outros, porém minhas informações sobre elas encerravam-se aí. Elas despertavam minha atenção por ser majoritariamente negras, sendo certamente a função dentro da Universidade que mais empregava negros, nas outras atividades a presença do segmento era muito pequena, praticamente nula quando comparada à presença de brancos.

Antes de iniciar as entrevistas não tinha percebido que as funcionárias eram contratadas por mais de uma empresa, os uniformes usados eram muito parecidos, o que justifica o fato de eu não haver notado que as empresas que prestavam serviços à Universidade no ano de 2013 eram quatro. Logo no início da pesquisa de campo falei com Lúcia, ela confirmara a presença de quatro empresas licitantes que cumpririam seus contratos naquele ano. Ela atuava como fiscal dos contratos com as empresas, conversamos em seu local de trabalho no bloco 3E durante a tarde, ela não usava uniforme, foi muito agradável e solicita comigo. Fui ao bloco 3E procurando a DICEL (divisão de conservação e limpeza), chegando lá falei com algumas pessoas sobre as informações que necessitava e eles me orientaram a ir falar com Lúcia. Durante o período de vigência dos contratos entre licitante (empresa contratada) e proponente (Universidade), ela era responsável por verificar se as cláusulas contratuais estavam sendo cumpridas. Nosso diálogo não fora gravado, ela me disse que já havia trabalhado como servente de limpeza antes e um pouco depois da terceirização, naquele momento era contratada pela Universidade. Ela havia me impressionado com a quantidade de dados trazidos sem necessitar fazer nenhuma consulta, me dissera que no ano de 2013 seriam quatro as empresas vencedoras das licitações, sendo elas: Eficaz, Arqgraph, Servcorp e Ética; o critério "menor preço cobrado" seria um dos que possuiria maior relevância na escolha das empresas, informação também trazida pelo Projeto Básico de Limpeza Predial, documento sobre o qual falarei mais adiante e que estará em um anexo ao final do trabalho.

Os serviços das empresas terceirizadas eram divididos entre limpeza predial (o interior dos blocos), varrição (a manutenção dos espaços externos) e jardinagem. Outro serviço seria a manutenção da copa, nela era feito o café distribuído por toda a Universidade, entre as mulheres entrevistadas uma delas trabalhava na copa. Havia duas copas, uma na reitoria, que faria o café exclusivamente para aquele prédio e a outra responsável por fazer o café que seria distribuído por todas as unidades acadêmicas, esta ficava no bloco 3E.

Lúcia sabia como eram distribuídas as atribuições das quatro empresas, de acordo com ela a empresa Servicorp seria responsável pelos blocos 3M, 5U, 1U, 1Y, 1C e 3P (reitoria); a Ética pelas duas copas; a Eficaz pelo 3C (biblioteca) e 5R(A e B); a Arqgraph pelo 3E, TV e Gráfica, 1I, 1H, 1G, 1W(Restaurante Universitário, somente a parte externa), 1J, 5O (A e B), 3Q, 3D, 1X, 1B, 1M, 1L, 3N, 1P, 5J, 5G, 5H, 3O, 1L, 1F, 1N, 1O (CDHIS), 1D; minha pesquisa restringiu-se às trabalhadoras destas áreas. Esta seria a distribuição das atribuições por empresa no campus Santa Mônica, somente duas das empresas funcionariam no campus Umuarama, a Ética e a Arqgraph. Não estive nos outros campus da Universidade, as trabalhadoras participantes das entrevistas eram todas atuantes no campus Santa Mônica.

A forma como as trabalhadoras deveriam se organizar pelos blocos seria determinada pela Universidade, cada uma se responsabilizaria pelo cuidado de determinado número de metros quadrados, esta determinação aparecia da seguinte forma no Projeto Básico de Limpeza Predial: "8.1-O quadro a ser proposto, pela licitante, para os serventes de limpeza e limpadores de vidro, deverá ser compatível com a área a ser limpa dentro da produtividade aceitável para cada cargo" (Projeto Básico de Limpeza Predial, 2013, p. 10).

A limpeza predial possuía três cargos, sendo eles o de encarregado, servente de limpeza e limpador de vidros, todas as entrevistadas exerciam o cargo de servente de limpeza, que fora extinto e por isso não havia mais a contratação de trabalhadores para a função por meio de concursos públicos: "Conforme a lei nº 9.632 de 07 de maio de 1998, o cargo de servente de limpeza encontra-se em extinção e, devido a isso, o mesmo não pode ser repostado por meio de concurso público"(Projeto Básico de Limpeza Predial, 2013, p.1). Às serventes de limpeza caberiam as seguintes atribuições:

Servente de limpeza – execução de serviço de lavar, varrer, encerar, limpar móveis e mobiliários em geral, repor giz e apagadores em salas

de aulas, limpeza de quadros de salas de aulas, recolher lixo e embalar conforme normas, limpar e lavar corrimãos, portas, portais, paredes, teto, limpeza de prateleiras e estantes, aspirar pó, limpeza externa de luminárias, reposição e organização de cadeiras e carteiras em salas de aulas, reposição de materiais em banheiros e executar outras atividades de mesmo nível e grau de dificuldades. (Projeto Básico de Limpeza Predial, 2013, p.10)

A divisão dos cargos era determinada pela Universidade e o local de atuação de cada empregado poderia ser alterado de acordo com suas necessidades. A proponente (contratante dos serviços) determinava o número de trabalhadores, os locais onde iriam atuar e que tipo de serviço iriam exercer; caberia à empresa vencedora da licitação somente o cumprimento das exigências aceitas no contrato assinado juntamente à Universidade.

O setor responsável por formular as licitações e os contratos ficava na reitoria, a Prefeitura Universitária seria a responsável pela elaboração do Projeto Básico: Serviço de Limpeza Predial para que as licitantes (empresas que oferecem o serviço) pudessem adequar-se às exigências do proponente e concorrer às licitações, para perceber como se davam as relações entre as serventes contratadas, a Universidade e as empresas terceirizadas utilizei este projeto, o qual aparecerá no decorrer do trabalho em diálogo com a narrativa das serventes. O contrato entre a proponente e a licitante duraria doze meses e poderia ser prorrogado por até o limite de sessenta meses, havia uma cláusula no Projeto que determinava este período: "20.VIGÊNCIA- A contratação será por um período por 12 (doze) meses podendo ser prorrogada por iguais e sucessivos períodos, até o limite de 60 (sessenta) meses" (Projeto Básico de Limpeza Predial, 2013, p. 28). Duas das empresas que prestavam serviços à UFU em 2013 teriam sede somente na cidade de Uberlândia, a Eficaz e a Ética, a Arqgraph tinha sede em Uberaba, e a Servicorp em Ituiutaba e Belo Horizonte. Lúcia dissera que quando uma empresa ganhava uma licitação, assinando assim o contrato com a Universidade, teria que possuir um escritório na cidade, informação trazida também pelo Projeto Básico.

O fato de não haver percebido o número de empresas contratadas para executar a conservação e limpeza da Universidade poderia ser ocasionado pela forma como suas funcionárias apresentavam-se, os uniformes eram similares, o único que tinha uma cor diferente era o da empresa Eficaz (era azul claro, das demais empresas era cinza), porém esta empresa teria naquele momento o menor número de contratadas, assim não tinha contato freqüente com elas. As quatro empresas exigiam que suas funcionárias

utilizassem uniformes. Encontrava com as serventes todos os dias sentadas em bancos no exterior dos blocos, na maioria das vezes em grupo e uniformizadas ou no interior dos blocos exercendo suas funções. Estavam presentes ao lado do Restaurante Universitário, em grandes grupos e majoritariamente com os uniformes das empresas Servicorp e Arqgraph, o que pude perceber após o diálogo com Lúcia, estas empresas eram as que tinham o maior número de funcionárias contratadas. Via-as ao sol e tomando café, fumando e conversando de forma descontraída. Além do uso dos uniformes parecidos e de estarem em grupo, eram em maioria negras e usavam seus cabelos amarrados em um rabo no alto da cabeça, calçavam botas de borracha brancas impermeáveis, todas as semelhanças criariam uma identificação visual homogênea de grupo, impedindo que nos encontros rápidos notasse qualquer peculiaridade existente em cada membro. A uniformização das serventes de limpeza, os cabelos presos, as condições como elas deveriam se apresentar ao público, eram normas contratuais estabelecidas pela Universidade, as empresas licitantes que não cumprissem as regras poderiam ser penalizadas. A penalização consistiria na redução do valor financeiro disponibilizado pela proponente, há tabelas de como este controle seria feito pela Universidade no final do Projeto Básico, cada vez que a licitante descumprisse um acordo contratual, sua verba (valor determinado em contrato, passado da proponente à licitante para que cumpra as exigências contratuais) seria reduzida. No caso dos uniformes as exigências eram descritas da seguinte forma: "Uniformizados completamente como no descritivo. Uniformes limpos, passados e íntegros e portando identificação funcional. Os cabelos presos e utilizando vestimenta adequada" (Projeto de Limpeza Predial, 2013, p.36).

O uso do crachá ou porte de identificação funcional não era uma norma cumprida no caso das serventes de limpeza, nenhuma delas utilizava crachá nas abordagens iniciais e mesmo durante a gravação dos diálogos. A uniformização caracterizava-as como grupo homogêneo, esta era a maneira como as percebia antes do início de produção das fontes orais. Ao uniforme caberia a função de identificar as serventes da conservação e limpeza com a função exercida e também com a empresa pela qual trabalhavam, facilitando a fiscalização do trabalho e o controle das trabalhadoras. Nos casos avaliados não havia um controle rígido por parte das encarregadas no que se refere ao trabalho das serventes de limpeza, elemento que será discutido posteriormente.

O uniforme seria um importante código de comunicação, por meio dele identificaríamos as funções exercidas pelos trabalhadores, a pessoa confundir-se-ia assim com seu trabalho, obnubilando os indivíduos componentes dos grupos. Ele havia facilitado o meu contato com as serventes, sabia quem eram por causa deles, não percebia a Maria, a Rosa, dentre tantas outras das serventes, mas a trabalhadora da limpeza ou as trabalhadoras como um conjunto homogêneo. O seu uso evitaria problemas para as empresas, com o estabelecimento de uma vestimenta padrão seria eliminada a possibilidade do uso de roupas consideradas "inadequadas". As roupas seriam uma forma de identificação pessoal anulado no exercício da função, facilitando assim sua regulação, a rapidez na identificação poderia ser usada como uma forma de controle sobre as serventes. Nas experiências narradas a relação entre as serventes e as fiscais no que se referia a um controle rígido do trabalho não fora apontada, nas falas das trabalhadoras uma das maiores qualidades apontadas em seus empregos atuais era a inexistência de pressão por parte de superiores. Algumas afirmaram que o contato com suas encarregadas seria pequeno e tranquilo, gostavam de trabalhar na Universidade pois podiam exercer suas atribuições sem muitas cobranças. O uso de uniformes fora apontado por alguns psicólogos como um dos fatores responsáveis pelo desenvolvimento de pertencimento aos grupos, sua função em nossa sociedade seria variada, no caso das serventes era uma forma de identificação e apresentação no âmbito da Universidade, eles lhes davam o rótulo prévio de trabalhadoras da limpeza.

Identificava-as com a função exercida, percebendo-as como um grupo coeso devido à aparência similar proporcionada pela uniformização, o seu uso corroborava com a visão que possuía acerca do grupo trazida da participação em alguns movimentos sociais, de coesão e de anulação da individualidade. Os equipamentos que utilizavam no trabalho também seriam uma maneira de uní-las às suas atribuições. Quando as via nos blocos empurravam seus carrinhos, neles ficava guardado todo o material de trabalho, vassouras, rodos, luvas, produtos de limpeza e o material de reposição dos banheiros, as toalhas de papel e o papel higiênico. Eram carrinhos grandes e de plástico, cobertos por uma lona grossa, ficavam guardados nos banheiros dos blocos, trancados nos banheiros maiores, os que se destinavam ao uso de portadores de deficiências, alguns não ficavam trancados devido à falta de espaço nos banheiros, sendo deixados nos corredores dos blocos. Todos os materiais utilizados em serviço eram descritos pelo Projeto Básico, os produtos químicos eram nele regulamentados de acordo com normas de segurança. A

UFU exerceria a fiscalização dos encargos das empresas licitantes juntamente a uma de suas divisões, a DICEL, Divisão de Conservação e Limpeza localizada no Bloco 3E do campus Santa Mônica. A divisão era gerenciada naquele momento por Deusélia Maria A.Silva, o Projeto Básico determinava quem por parte da proponente se responsabilizaria pela fiscalização, além da gerente outros oito servidores cumpririam esta determinação.

Ao vê-las em seu ambiente de trabalho fui levada a pensar muito na questão étnica, a formação que eu possuía fazia com que eu as enxergasse como vítimas de um sistema opressor, de fato elas seriam vítimas? Pensei também sobre os lugares nos quais os negros estão majoritariamente presentes, em minhas experiências pessoais pude constatar que os serviços manuais seriam os que mais empregam negros. Fiquei instigada pelo fato de que em um espaço tão diverso como o da Universidade, o local ocupado pelos negros não diferia dos ocupados fora dela. Por que os negros, neste caso as negras eram a maioria das trabalhadoras empregadas no setor de conservação e limpeza? Por que se concentravam neste trabalho e eram praticamente ausentes em outros lugares dentro da Universidade?

Pude reavaliar a ideia desenvolvida acerca das serventes como um grupo homogêneo durante a pesquisa, a minha percepção acerca de suas especificidades era limitada, o contato até então estabelecido muito superficial. Antes do início do trabalho de campo foram elaboradas questões que serviriam como norteadoras da pesquisa, as vinte e três perguntas presentes no roteiro não foram seguidas rigorosamente durante a gravação dos diálogos, o intuito era deixá-las o mais a vontade possível, para que assim pudessem falar. Com a intenção de conhecê-las melhor e de perceber como viveriam suas experiências de trabalho na Universidade, fora elaborado o roteiro com as questões que seguem em um apêndice ao final do trabalho. Será descrita a maneira particular como ocorrera cada um dos encontros, o relato de minha experiência no diálogo com elas será feito juntamente à narrativa das trajetórias individuais criadas por cada uma. Como elas organizariam suas vidas de acordo com as rotinas de trabalho, o uso do transporte público, como elas vivenciariam sua negritude, suas experiências de trabalho foram algumas das questões suscitadas pela pesquisa.

Foram catorze o número de serventes entrevistadas, conversara também com a fiscal de contratos Lúcia, diálogo abordado no início do capítulo e que não fora gravado. Havia falado com uma das encarregadas da empresa Arqgraph, Marilene, este diálogo

também não fora gravado. As serventes de limpeza das quatro empresas, que atuavam como licitantes prestadoras dos serviços de conservação e limpeza na Universidade Federal de Uberlândia em 2013, estiveram presentes nas entrevistas. Todas as mulheres entrevistadas haviam sido locadas no campus Santa Mônica.

A primeira entrevista ocorrera no dia 24 de julho de 2013, durante a manhã. Havia chegado à primeira entrevistada pela indicação de sua companheira de trabalho. Combinara no dia anterior de encontrá-la para a entrevista, explicara o motivo e o método que seria utilizado, ela ficara um pouco receosa no momento. Fui notando aos poucos que o gravador as intimidaria, ela alegava não ser capaz de falar bem, dizendo que uma de suas colegas de trabalho poderia fazê-lo e me levando assim até ela. Pude perceber que elas se sentiam pouco a vontade com o convite para as entrevistas e por mais que tentasse tranquilizá-las as esquivas foram recorrentes durante o trabalho de campo. Houve atitudes incômodas desde o princípio, como uma que anteriormente avaliara como grosseira, porém aos poucos fora percebendo os motivos que poderiam ter levado a servente a agir daquela forma. Havia ido até o bloco J e lá encontrara uma trabalhadora, não nos apresentamos de imediato, ela estava em seu horário de trabalho e eu a questionara sobre a possibilidade da entrevista, ela assentiu pedindo assim que eu a aguardasse por alguns instantes, pois ela teria que pegar alguns produtos de limpeza em outro bloco. Para esperar seu retorno me sentei em um dos bancos ao lado do bloco J, porém depois de mais de uma hora esperando percebi que ela não retornaria. Posteriormente retornei ao bloco e falei com uma de suas colegas de trabalho, ela inclusive fora entrevistada posteriormente. Sônia foi a última servente a ser entrevistada, dissera que sua colega havia ficado envergonhada por ter dito que gravaria a entrevista e por depois ter mudado de idéia, este seria o motivo pelo qual não haveria retornado. Penso que a resistência inicial em falar como algo normal, elas não me conheciam, poderiam não estar dispostas a participar e algumas vezes não conseguiriam ser diretas no que se referia ao seu desinteresse.

Como havia começado a descrever, a primeira trabalhadora que havia me concedido seu relato fora Solange. Via Solange diariamente, sabia o que fazia por causa do uniforme, ela trabalhava no Bloco H, local onde eu havia feito boa parte da minha graduação. Sua colega nos apresentara e ela não havia gostado da idéia a princípio como muitas delas ao ser abordadas. Suas duas colegas de trabalho que estavam presentes a convenceram, afirmando que ela conseguiria se expor de maneira clara. Eu intercedi, porém sem fazer pressão, esta fora a postura adotada frente às demais serventes

entrevistadas. O nosso diálogo ocorrera no local onde as trabalhadoras do bloco faziam suas refeições e descansavam, uma pequena sala existente em boa parte dos blocos, sobre as quais eu não possuía conhecimento antes de iniciar o trabalho de pesquisa. Era pequena e ficava fechada na maior parte do tempo, não tinha nenhuma descrição na porta, o que dificultava a sua identificação. Na sala havia uma geladeira, uma pia e cadeiras, nela eram feitas as refeições, os pertences das funcionárias eram deixados e serviria também como local de descanso; não havia percebido todos estes elementos inicialmente, fora fazendo estas constatações ao avançar com o trabalho de campo, freqüentando assim outras destas salas.

Assim que se acostumara com minha presença e com a idéia da gravação Solange mostrara-se mais disposta e extrovertida, começando a falar abertamente sobre sua rotina diária. Trabalhava na Universidade havia cinco anos, contratada pela empresa Arqgraph, naquele momento era responsável pela limpeza do Bloco H, o que fazia juntamente às duas companheira mencionadas anteriormente. Tinha quarenta e dois anos de idade, casada, mãe de dois filhos e como muitas das serventes em atividade não havia nascido em Uberlândia, apesar de morar na cidade há pelo menos vinte e cinco anos. Das catorze mulheres entrevistadas apenas cinco haviam nascido em Uberlândia, das nove serventes que não eram uberlandenses, a que morava na cidade a menos tempo era a servente Otacília, havia oito anos; a que estava na cidade há mais tempo, Dina, havia se mudado para a cidade fazia trinta e dois anos. Elas haviam nascido nos mais variados lugares, Solange era de Araguari, Marilis do Rio Grande do Norte, Edna de Unai de Minas, Otacília de Patrocínio, Dina de Rio Preto dos Alves, Elis de Rio Verde, Alvani de Montes Claros, Edna de Capinópolis e Sônia de Ituiutaba. Solange morava no Bairro Jardim Célia e iniciava seu turno de trabalho na Universidade às seis horas da manhã, usando diariamente três ônibus para chegar ao trabalho. Além dela, outras três trabalhadoras presentes na pesquisa também eram moradoras do Bairro Jardim Célia, Thaís, Edna e Elis. Marilis morava no bairro São Jorge, Maria no Lagoinha, Karina no São Gabriel, Otacília no Dom Almir, Rosa no Morumbi, Dina no Roosevelt, Alvani no Shopping Park, Edna no Laranjeiras e Sônia no Santo Inácio. Todas elas vinham para o trabalho de ônibus, exceto Rosângela que morava no bairro Santa Mônica e caminhava até à Universidade. As rotinas descritas no uso do transporte público eram parecidas.

Aline: Como você chega aqui no seu trabalho? Solange: Olha, pra o percurso eu tenho que tomar três ônibus. Aline: três ônibus? Solange: três ônibus, geralmente eu pego o primeiro no meu bairro né pra

conseguir chegar aqui às seis horas, no Santa Mônica. Aline : nossa, mas então você para em dois terminais? Solange: dois terminais, o Planalto e o Central. Aline: nossa, quanto tempo em média você gasta para chegar até aqui? Solange: Ah, uma hora e pouca né, uma hora, depende assim vai dos ônibus tem hora que cê chega e ele já tá passando, se coincidir um atrás do outro uma hora, uma hora e pouquinho, uma hora e quinze, uma hora e vinte. Aline: nossa bastante né?

Marilis: é nois levanta o que, quatro e meia pra dá tempo de chegar aqui né. Aline: hurum. Marilis: se não, não dá tempo; tem dia que levanta mais cedo ainda. Aline: isso depende muito da distância né? Marilis: quem mora, por exemplo, no Morumbi, no nesses outros bairro ai. Aline: então, mas eu tava pensando, os ônibus começam a passar a partir de que horas, das cinco? Marilis: quinze pras cinco, quatro e quarenta por ai. Aline: hurum, levanta só toma aquele cafezinho esperto e já vem? Marilis: não, não dá nem tempo nem de você toma café, só da tempo mesmo de se arrumar. Aline: hurum. Marilis: às vezes cê ainda chega e ainda fica ali, tem gente que chega cinco e meia, vai dos horários dos ônibus que passa. Aline: hurum. Marilis: você chega aqui às vezes, se eu sai e pegar o ônibus que passa lá na minha casa cinco e meia, eu vou chegar aqui seis e vinte e cinco, seis e dez, ai eu já bato meu ponto atrasado né. Aline: hurum, tem que sair... Marilis: um pouquinho antes né ai eu tenho que pega o Santa Luzia cinco e quarenta que ai eu não chego atrasada, eu chego aqui cinco e cinqüenta e oito, cinco e cinqüenta e sete. Aline: mas nesse horário o fluxo de trabalhador não deve ser muito grande não, ou já é? Marilis: é, ixi, começa cedo.

Maria, moradora do bairro Lagoinha vinha de ônibus para o trabalho, eu acreditava não haver necessidade de uso do transporte público do bairro em que ela morava até à Universidade, ele se localiza próximo ao campus Santa Mônica, porém não teria dimensão do seu tamanho. Ela falara um pouco sobre sua vinda diária ao trabalho:

Maria: venho de ônibus. Aline: o Lagoinha é pertinho daqui né? Maria; devagar do jeito que eu gosto de andar dá uns quarenta minutos. Aline: mas de toda forma você ainda vai até o terminal? Maria: eu vou na estação oito que é perto da minha casa e venho até a entrada aqui, na entrada da João Naves. Aline: a estação oito é perto da minha casa, aliás, eu moro um pouquinho mais adiante, ali na nove sabe.

Edna acumulava as funções de encarregada e de servente de limpeza da empresa Eficaz. Dissera sair de sua casa diariamente às cinco horas da manhã para vir ao trabalho, usuária do transporte coletivo como as demais trabalhadoras, ela descrevera

como costumava ser parte de sua jornada diária e algumas de suas atribuições como funcionária empregada em duas funções:

Aline: Você chega no trabalho como? Edna: De ônibus. Aline: quanto tempo em média você gasta para chegar aqui? Edna: eu pego ônibus cinco horas da manhã, desço no terminal Santa Luzia e pego o 131 até aqui, eu chego por volta de cinco e trinta. Aline: cinco e trinta, e o início é às seis né? Edna: é às seis horas, mas é porque eu gosto de chegar antecipada, não gosto de chegar em cima da hora, entendeu, porque a gente vai trocar a gente não vem vestido de uniforme às vezes, chega e tem que calçar bota, calçar meia. Aline: então você já gasta um tempinho antes. Edna: é. Aline: e o controle do ponto é você quem faz? Edna: eu que faço. Aline: então acaba que você trabalha um pouquinho mais, porque igual você tava me falando, além da função de encarregada assim de cuidar de uma forma geral, você ainda dá uma... Edna: dou um apoio para as meninas, porque por exemplo se falta alguém, as vezes não tá aí a pessoa ali na hora pra fazer um serviço, acaba que a gente faz né.

O turno de Solange começava às seis horas da manhã e ia até às três e quarenta e oito da tarde, a maioria das serventes entrevistadas trabalhavam neste horário. O horário de trabalho seria determinado pela Universidade, proposto de acordo com o horário de funcionamento de cada espaço a ser cuidado, caberia à empresa licitante organizar os trabalhadores em turnos de acordo com a demanda da proponente. No diálogo com elas pude perceber que haveria vários turnos e que apesar do horário ser determinado pela Universidade, elas conseguiriam negociá-los com suas encarregadas. A proponente determinaria também a frequência e o tipo de serviço que devia ser executado pelas serventes de limpeza no serviço de limpeza predial. Os serviços feitos pelas trabalhadoras estavam descritos e divididos no Projeto Básico entre serviços diários, semanais, quinzenais, mensais, quadrimestrais e semestrais. Nele estava determinado inclusive como e com que produtos a limpeza deveria ser feita, havia presenciado majoritariamente o exercício dos serviços diários, certamente devido a frequência com que eram feitos, o trecho a seguir aponta algumas das determinações da proponente:

Varredura do piso de todas as salas, ginásios, corredores, halls, escadarias, passarelas, etc. inclusive pisos de mármore; sendo: Corredores, salão de estudos, escadas, sala 24 horas no mínimo duas vezes ao dia; Limpeza e desinfecção de todas as dependências de copa, sanitárias, assentos e pias, com saneamento do sanitário, no mínimo duas vezes ao dia, excluindo serviço de natureza de copa;

Retirar o lixo no mínimo duas vezes ao dia, acondicionando-o em sacos plásticos, removendo-os para o local indicado pela Administração.(Projeto Básico, 2013, p.15)

Solange dissera gostar do que fazia, apesar de buscar por algo melhor, o que avaliara poder conseguir com maior qualificação. Quando pensamos na competição existente na busca por empregos, somos levados a crer que a qualificação seria o fator determinante na obtenção de melhores condições de trabalho. Solange dizia buscar por qualificação constantemente, além de incentivar seus filhos a fazerem o mesmo. Ela tinha dois filhos, um trabalhava como segurança e o outro com serviços gerais. No seu tempo livre gostava de ir à Igreja, freqüentava uma igreja evangélica, a Assembléia de Deus.

Thaís foi entrevistada no mesmo dia à tarde. Fui ao bloco 5O, local onde encontrava com freqüência um grande número de trabalhadoras reunidas, neste dia não havia sido diferente. Costumavam ficar reunidas no saguão ou ao lado do banheiro no primeiro andar, na sala onde cozinham e guardavam seus pertences. Estavam no saguão quando me aproximara, perguntando sobre a possibilidade de gravação das entrevistas. Era um grupo de cinco mulheres negras, todas trabalhariam pela empresa Arqgraph como pude constatar pelos seus uniformes, como o meu foco era as trabalhadoras negras o convite fora estendido a todas. Cada uma delas alegara algum motivo para não gravar o diálogo naquele momento. A única que se dispôs foi Thaís, mas dissera não poder demorar, pois teria muito trabalho a fazer. Fomos para uma sala de aula no Bloco 5O, a sala ocupada por elas naquele bloco seria muito pequena, sendo assim inviável utilizar aquele espaço.

Thaís tinha trinta e dois anos de idade, a mais jovem das serventes a ser entrevistada, a mais velha fora Dina, tinha cinquenta e seis anos quando gravamos o diálogo. Afirmara ser bom trabalhar na Universidade, mas que isso dependeria muito do setor no qual se atuava. Seu turno era o das seis da manhã às três e quarenta e oito da tarde. Dissera ter uma ótima relação de trabalho com sua encarregada e com as colegas de trabalho, segundo ela alguns estudantes seriam um pouco abusados no uso dos banheiros e isso lhe causaria incômodo. A maioria das serventes afirmaram ter boas relações em seu ambiente de trabalho. Marilis afirmara ser um trabalho rigoroso no que dizia respeito à carga horária, mas compensado com as boas relações de trabalho. Dissera que sua relação com as duas encarregadas da empresa Arqgraph, Marilene e

Regina, seria tranqüila, tratavam-se de pessoas boas e compreensivas. Com alunos, técnicos e professores não haveria tido nenhum problema até aquele momento, eles pediriam para que se fizesse determinado serviço, ela iria até lá e faria. Edna relatara que o trabalho na Universidade seria o melhor no qual tivera a oportunidade de trabalhar, quando questionada sobre como avaliaria seu emprego, dissera:

Aline: o que você acha de trabalhar aqui na Universidade? Edna: ai, eu amo, acho que foi o melhor serviço que eu já arrumei até hoje. Aline: mesmo? Edna: adoro isso aqui. Aline: você gosta? Edna: noh! e muito. Aline: que bom, o que facilita bastante né? Edna: adoro, o melhor lugar que eu já trabalhei foi aqui.

Descrevera como ótima a sua relação com a encarregada e também com as outras pessoas que compunham seu ambiente de trabalho. Dissera que se tratavam de pessoas carinhosas pelas quais seria constantemente elogiada, além de receber inúmeros presentes, havia obtido reconhecimento e valorização pelo seu trabalho, isso ficara evidente em suas falas e ao se observá-la. Maria dissera ter desenvolvido relações muito boas em seu ambiente de trabalho, além de nunca ter se desentendido com suas colegas de função ou mesmo com sua encarregada, haveria amizades importantes que manteria desde o tempo em que atuava no bloco H. Havia ficado no bloco anterior por dois anos e nele tinha sido muito respeitada, nos locais onde trabalhara estabelecera ótimas relações.

Ao falar sobre a sua relação com os freqüentadores da Universidade Rosângela mostrara-se insatisfeita, relatara que fazendo uma avaliação geral o contato com os outros neste espaço seria positivo, porém sentiria em alguns momentos uma postura arrogante por parte das pessoas nele presentes. Afirmara que haveriam pessoas que se consideram superiores a quem exerce funções de limpeza e cuidado, posturas assim partiriam principalmente dos estudantes e dos professores.

Aline: E a relação com os estudantes, técnicos, com o pessoal que freqüenta aqui a Universidade, com o pessoal que trabalha aqui, como é que é de uma forma geral, como é que você avalia? Rosângela: Ah! tem uns alunos que te cumprimenta outros não, tem uns professor que cumprimenta outros também não, desse jeito. Aline: mas você avalia que seja uma relação boa, como é que é? Rosângela: lógico que é, é. Aline: mas assim por essa questão você avalia que seja descaso, o que é que você pensa? Rosângela: não, descaso eu acho que não é não, porque eles se acham assim muito superior ao pessoal da limpeza né.

Aline: você acha que tem essa diferenciação então? Rosângela: tem, bastante. Aline: mas isso de uma forma geral, estudante, professor e os técnicos? Rosângela: não, os técnicos eu não tenho nada contra não. Aline: mais estudante e professor que essa relação é assim? Rosângela: é.

Quando perguntara a Elis sobre o que achava de seu trabalho, ela dissera gostar muito, a rotina desgastante seria compensada pelas boas relações que havia feito no bloco:

Aline: O que é que você acha de trabalhar aqui na UFU? Elis: Ah! eu gosto. Aline: gosta? Elis: apesar de acordar cedo, mas eu gosto. Aline: o horário é que você acha um pouquinho... Elis: é puxado, é. Aline: talvez se morasse mais próximo né. Elis: é, eu tive tanta sorte de ter os professores que é gente boa, trabalhar em ambiente que é, quando a gente trabalha em ambiente que o pessoal pega no pé, aí é ruim, mas aqui é de boa sabe, tudo amigo aqui.

Alvani dissera gostar do trabalho, afirmara ter uma relação muito tranqüila com os freqüentadores do seu local de trabalho e também com as outras serventes. Quando falávamos sobre como seria sua relação de trabalho com as encarregadas, ela a descrevera da seguinte maneira:

Eu quase não tenho contado com a encarregada. Aline: vocês não tem contato, ela fica responsável pela fiscalização dos blocos, mas não necessariamente ela fica aí? Alvani: não, ela fica lá em cima. Aline: eu até conheço elas, mas fiquei pensando, talvez seja difícil passar em todos os blocos né? então talvez por isso não tenha contato. Alvani: é quase não tem não, fica lá em cima quase não vejo a encarregada. Aline: normalmente vocês se reúnem? vez por outra tem que se reunir né? pra discutir alguma coisa da empresa? Alvani: muito difícil. Aline: mesmo, e o controle assim como que faz, porque a questão do ponto você tem que ir até lá pra poder bater. Alvani: hurum, mas tem alguém responsável que fica lá. Aline: uma pessoa que só cuida do ponto? Alvani: é, abre a porta e... Aline: a sim, não é a encarregada que... Alvani: tem duas encarregadas. Aline: sim, mas são elas que cuidam do ponto? Alvani: é. Aline: quais são os nomes delas? Alvani: Marilene e Regina. Aline: eu conheci a Marilene, a Regina não tava, então o ponto é ela que é responsável por isso? Alvani: é, é, hurum. Aline: entendi.

No Projeto Básico de Limpeza Predial as atribuições dos encarregados das licitantes seriam as seguintes:

Atribuir ao encarregado de serviço as seguintes tarefas: coordenar, comandar e fiscalizar o bom andamento dos serviços, cuidar da

disciplina, controlar a frequência e a apresentação pessoal dos empregados, bem como estar sempre em contato com o Setor de Fiscalização da **UNIVERSIDADE**. (Projeto Básico de Limpeza Predial, 2013, p. 24)

A minha compreensão ao ler o Projeto fora bem diferente da que ocorreria concretamente entre as serventes e as encarregadas. Ao lê-lo avaliara haver uma fiscalização diária do trabalho das serventes por parte das encarregadas, porém as falas das trabalhadoras apontaram-nas mais como auxiliares do que como fiscais; a entrevistada seguinte, Edna, exerceria as duas funções. Os nove fiscais da Universidade, que deveriam atuar nos seguintes setores: DICEL (divisão de conservação e limpeza), SELEF, SELIU, DIROD, DIVAU, DIAUS (não consegui encontrar o significado de todas as siglas), não foram em nenhum momento citados pelas serventes, somente Lúcia que atuava na DICEL e que antes de ser fiscal pela Universidade trabalhara como servente de limpeza, antes do cargo ser extinto, passando a ser efetuado por prestadoras de serviço terceirizadas. Acredito que o contato destes fiscais ocorreria diretamente com as encarregadas, porém não há nada nos relatos sobre estas relações e como seriam.

Edna falara como seria sua relação com as outras trabalhadoras, ela exerceria a função de servente e de encarregada pela Eficaz. Dissera que suas relações possuíam caráter variado, algumas funcionárias eram tranqüilas, outras causavam problemas, o que era esperado quando se tratava de relações humanas. Considerava-se uma pessoa ótima, porém certamente haveria as que não gostavam e que isso seria irrelevante, uma vez que não buscava amigas e sim funcionárias eficientes. Com os demais freqüentador do lugar dissera não ter tido problemas, que no período de lavação, momento de limpeza em que o mobiliário era retirado do lugar, tendo assim que contar com a compreensão dos freqüentadores da biblioteca, havia sido bem tratada e suas solicitações atendidas. Sônia descrevera suas relações no ambiente de trabalho como tranqüilas, não se lembrando de ter tido problemas pessoais no tempo em que trabalhava na Universidade, fosse com colegas de trabalho ou mesmo com freqüentadores do bloco.

Thaís tinha dois filhos, um de quinze anos de idade que estudava e a outra que ficava na creche para ela pudesse trabalhar; todas as trabalhadoras tinham filhos, tendo estes as mais variadas idades. As serventes que tinham maior número de filhos eram Marilis e Maria, cada uma tivera quatro filhos. Thaís disse que gostava de sair com seus filhos e com seu marido, apesar de se dizer solteira, o que afirmou quando havia perguntado sobre seu estado civil, dividiria a casa com um companheiro. A maioria

delas denominou-se como solteria quando perguntadas sobre seu estado civil, porém no decorrer dos diálogos falavam sobre seus maridos, quando lhes perguntava sobre estas relações diziam tratar-se de homens com os quais dividiam o espaço de suas casas, não se consideravam casadas por não ter nenhum contrato que formalizasse suas uniões. Se não trabalhasse como servente de limpeza gostaria de ser funcionária de uma empresa como o Martins, pensava que a empresa pela qual trabalhava não teria muitas opções de cargo, nela além de servente de limpeza somente poderia ser encarregada, funções que não lhe pareciam atraentes.

Com o intuito de encontrar mais trabalhadoras, havia começado a andar mais pelos espaços da Universidade, escolhendo os que não passava habitualmente. Em um desses passeios encontrara Marilis, a terceira servente a ser entrevistada, ela estava recolhendo o lixo no bloco 1E. Nosso primeiro encontro acontecera no mesmo dia em que havia entrevistado Solange e Thaís, porém a entrevista não fora gravada neste dia. Ela estava ocupada e dissera que caso eu pudesse voltar em outro momento teria disposição em gravar o diálogo. Combinara de encontrá-la no dia seguinte pela manhã no bloco onde trabalhava, o 1E, fui ao local na hora combinada e iniciamos a entrevista. Fora feita na sala onde descansavam e se trocavam, esta era diferente das outras nas quais havia estado, a do Bloco 1H e do 5O eram menores. Lendo o Projeto Básico vi que a responsável pela disponibilização deste espaço era a proponente. A empresa vencedora da licitação possuía uma infinidade de atribuições quando comparadas às da proponente. A Universidade seria responsável pelo cumprimento dos seguintes critérios:

Exercer a fiscalização dos serviços por servidores especialmente designados e nomeados por Portaria, que anotarão em registro próprio todas as ocorrências relacionadas com o mesmo na forma prevista na Lei nº 8.666/93;

Disponibilizar instalações sanitárias e refeitório;

Destinar local para guardar equipamentos, materiais, ferramentas e utensílios;

Fornecer, gratuitamente, água e energia nos pontos de redes existentes para prestação dos serviços objeto deste contrato;

Permitir o livre acesso dos empregados da LICITANTE VENCEDORA para execução dos serviços;

Prestar as informações e os esclarecimentos que venham a ser solicitados pelos empregados da LICITANTE VENCEDORA.

Disponibilizar se for o caso, rede física para instalação de telefone (Projeto Básico de limpeza predial, 2013, p. 25).

A sala onde entrevistara Marilis era grande e arejada, as outras duas em que havia estado não possuíam janelas, tinha um fogão, geladeira, uma mesa grande, cadeiras e uma pia. Estas salas seriam os refeitórios que aparecem no ponto dois do trecho anterior retirado do Projeto Básico. No momento da entrevista havia outra trabalhadora presente, ela havia ficado curiosa e resolvera ficar para assistir. Marilis havia sido contratada pela empresa Arqgraph e trabalhava na Universidade há dois anos e seis meses, exercendo a mesma função. Morava no bairro São Jorge, solteira, mãe de quatro filhos e com quarenta e oito anos de idade. Morava em Uberlândia há pelo menos vinte e cinco anos, havia nascido no Rio Grande do Norte. Viria diariamente de ônibus para o trabalho, precisando pegar dois para chegar à Universidade. Seu turno de trabalho iria das seis da manhã às três e quarenta e oito da tarde, com uma hora de intervalo para o almoço.

Apontava como uma vantagem do seu atual emprego o fato de não precisar carregar coisas pesadas, dessa forma não se cansaria muito e preservaria sua disposição física. Tinha quatro filhos, um menor que ainda não trabalhava, uma repositora de supermercado, outro empregado na construção civil e uma vendedora em loja de roupas. Gostava de ficar em casa cuidando de suas netas que haviam nascido há pouco tempo. Se tivesse outras condições não continuaria trabalhando na limpeza, seria costureira.

Marilis: se eu tivesse uma condições, eu não queria trabalhar assim em limpeza nada, eu queria trabalhar na parte da costura, costurar que eu gosto. Aline: ah tá, inclusive é uma profissão que anda assim, que sumiu né? Marilis: é. Aline: costureira quase não tem mais e quando tem até cobrando assim muito pelo serviço, porque é uma coisa que já ficou mais escassa né. Marilis: até que eu falo pros meus meninos lá em casa que eu vou comprar uma máquina pra mim costurar, ai eles falam 'mãe pra que?'. Aline: você costurava antes? Marilis: não, é porque eu fiz corte e costura e eu gosto. Aline: hurum. Marilis: parte da costura. Aline: é bom mesmo né.

Após Marilis entrevistei Edna, contratada pela empresa Ética e responsável pelo serviço da copa, local onde era feito o café distribuído na Universidade, exceto para o prédio da reitoria que possuiria sua própria copa. Localizada no bloco 3E, a copa era um espaço pequeno com uma janela ampla que funcionava como balcão para que as pessoas pegassem as garrafas de café feitas e entregues por Edna, gravamos a entrevista neste

local. Havia procurado por ela em dias anteriores, não conseguindo encontrá-la, a vira pela primeira vez no dia vinte e quatro de julho, quando fizera as duas primeiras entrevistas. Depois delas saíra para procurar mais serventes, assim encontrara Marilis e Edna, combinando de entrevistá-las no dia seguinte.

Edna era casada e tinha trinta e cinco anos de idade, morava no bairro Jardim Célia como outras três das quatorze serventes entrevistadas. Havia nascido em Unai de Minas, morava em Uberlândia há vinte anos. Empregada na empresa Ética há sete anos e na função da copa há cinco. Descrevera sua rotina diária de forma prazerosa, levantaria todos os dias às quatro e meia da manhã e pegaria o primeiro ônibus às cinco e quinze, chegando na Universidade por volta das cinco e cinquenta, um pouco antes de seu horário de entrada que era sete horas. Naquele momento o seu trabalho na copa a desgastava um pouco, isto ocorreria pelo fato de estar fazendo tudo sozinha, quando havia outra funcionária com quem dividia suas obrigações seria mais fácil. Haveria se responsabilizado momentaneamente por todo o trabalho, até quando se desse a contratação de outra servente, o que de acordo com ela a empresa estaria tentando fazer.

Edna: ela é bem cansativa porque agora eu to sozinha, mas quando tava de duas era mais calmo, mas aqui as meninas são de boa, não são de cobrar muito, meu encarregado quase... Aline: não fica em cima? Edna: eu fico mais é sozinha, eu gosto bastante. Aline: ter uma boa relação de trabalho acho que facilita bastante né? Edna: é, bem legal aqui, bem calmo.

Seu turno de trabalho começava às sete da manhã, indo até às dez e meia. Serviria café durante este período, faria uma pausa de almoço até às treze e trinta, horário em que retornaria para a jornada da tarde. Faria uma nova quantidade de café e serviria até às duas e trinta, depois organizava os seus utensílios de trabalho, panelas, bules e garrafas, encerrando seu expediente às três horas da tarde, estas seriam suas obrigações diárias de segunda à sexta. Tinha três filhos, todos estudantes, a sua filha mais velha tinha quatorze anos. Dedicava seu tempo livre à atividade física, gostava de caminhar.

A quinta servente entrevistada fora Maria, o diálogo gravado no dia vinte e seis de julho, um dia após o anterior. Ela era um rosto familiar para mim no âmbito da Universidade, antes de trabalhar no bloco 1I (onde atuava no momento da entrevista) havia sido responsável pela limpeza e conservação do bloco 1H, local onde eu tinha feito a maior parte da graduação. Encontrara com ela perto do bloco onde trabalhava

com o uniforme da Arqgraph, conversáramos brevemente e assim que propus a entrevista ela concordara em cedê-la. Procuramos um lugar para gravar o diálogo, avaliamos que nos bancos ao lado do bloco 1J seria viável, por ser tratar de um lugar silencioso e pouco movimentado comparado a outros espaços da Universidade. Ela e Rosa (diálogo descrito posteriormente) foram as trabalhadoras que mais falaram, conversáramos muito, mesmo com o gravador desligado. Ainda as vejo quando passo próxima aos seus locais de trabalho, mantemos uma ótima relação. Ambas freqüentavam as mesas localizadas ao lado do Restaurante Universitário, onde costumava encontrá-las.

Maria fora uma das mais velhas das mulheres entrevistadas, com uma vasta e variada trajetória de vida. No momento da entrevista estava com cinquenta e quatro anos, divorciada e residia no bairro Lagoinha. Havia nascido em Uberlândia, não tendo morado em outra cidade, trabalhava pela empresa Arqgraph no bloco 1J, exerceria seu trabalho no mesmo lugar havia quatro anos, tendo mudado apenas de setor. Falara sobre as mudanças em seus horários de trabalho no tempo em que trabalhava na Universidade, quando fizemos a entrevista estava no horário das nove e meia da manhã às seis e meia da noite, cumprindo assim as quarenta e quatro horas de trabalho semanal exigidas pela proponente. A maioria das mulheres entrevistadas trabalhavam nos turnos da manhã, eu havia percebido a presença de um maior número de serventes na Universidade nestes horários, Maria confirmara que as funcionárias escaladas para os horários da manhã seriam em número superior ao dos outros turnos.

Maria: quando eu entrei na firma, eu entrava à uma da tarde e deixava e saía do serviço às dez horas da noite, aí depois mudou passou pras nove e meia às seis e meia e nesse horário eu to até hoje. Aline: tem não só dois mais eu acho que uns três turnos né? se eu não me engano, também tem um depois, conversei com uma moça e ela me falou que nesse turno de mais tarde ficam poucas meninas; o da seis e meia até as nove nos blocos que tem aula. Maria: nesse horário das seis e meia às nove e meia é pouca gente que fica. Aline: o pessoal massivamente vem naquele horário da manhã né? Maria: das seis as três, esse tem mais gente. Aline: isso eu percebi de conversar com as meninas. Maria: das seis as três tem mais gente.

Tinha quatro filhos, todos homens e cada um exercia uma função diferente, um era vendedor de loja de calçados, dois atuavam na construção civil, um era pintor e o outro servente, e o último que trabalhava como cozinheiro. Fora do trabalho dissera

gostar de cuidar da sua casa e descansar, o seu lazer seria ficar em casa assistindo a bons filmes.

Entrevistei Rosângela depois de Maria. Era moradora do bairro Santa Mônica e a única a não fazer uso diário do transporte público devido à proximidade entre a sua casa e o seu local de trabalho. Solteira e com quarenta anos de idade, mãe e oriunda da cidade de Uberlândia, Rosângela exerceria a função de servente de limpeza há dois anos e cinco meses. Por mais que houvesse uma concepção construída acerca das funções terceirizadas, como trabalhos precários e conseqüentemente rotativos, pude constatar por meio destas entrevistas que todas as serventes ocupavam-nas a mais de um ano. A maioria havia se mostrado satisfeita com o que fazia, certamente esta perspectiva não poderia ser tomada como regra, porém fora a que ficara evidente durante o meu contato com o grupo de mulheres entrevistadas no campus Santa Mônica, situação que pude refletir melhor sobre após conversar com elas sobre suas experiências de trabalho anteriores.

Otacília era a servente contratada a menos tempo, trabalhava pela empresa Servicorp há um ano e quatro meses, Edna servente da copa, contratada pela Ética, mantinha seu contrato há sete anos. Alvani também estava empregada pela Arqgraph há sete anos, Edna servente e encarregada da empresa Eficaz, trabalhava pela empresa há nove anos, sendo estas as três trabalhadoras com maior tempo de contrato. Antes de trabalhar na Universidade, Rosângela haveria ficado empregada por cinco anos e dois meses como babá em uma única casa. O trabalho exercido naquele momento não a desgastava, porém afirmara haver muita exigência acerca do cumprimento de horários. O início do seu turno era às dez da manhã, aos sábados trabalhava por quatro horas no período da manhã para cumprir a carga horária semanal de quarenta e quatro horas determinada pela proponente.

Após falar com a Rosângela conversara com Karina, o diálogo fora gravado no dia sete de agosto. Continuava caminhando pela Universidade, buscando por mais serventes de limpeza. Passando pelo bloco 3M, encontrara com uma funcionária da empresa Servicorp. Perguntara a ela se teria alguma colega de trabalho negra, a trabalhadora em questão era branca. Ela falou sobre Karina, dizendo não saber onde ela estaria, mas que poderia me ajudar a procurá-la. Assim fomos primeiramente à sala disponibilizada pela Universidade para as serventes, Karina descansava neste local. Sua colega a despertara, falando sobre minha presença e intuito. Mesmo tendo sido acordada de forma abrupta, Karina concordara imediatamente em gravar o diálogo.

Pedira-lhe desculpas por haver interrompido seu descanso, ela afirmara que logo teria que se levantar, não sendo para ela nenhum incômodo.

Iniciamos a entrevista no local, Karina tinha trinta e dois anos de idade (ela e Thais tinham a mesma idade, sendo as mais jovens participantes da pesquisa), nascera em Uberlândia e morava no bairro São Gabriel, solteira e mãe de uma menina de doze anos. Trabalhava na Universidade pela empresa Servicorp havia um ano e cinco meses. Dissera que sua rotina de trabalho seria desgastante e repetitiva, isso ocorreria por estar restrita às mesmas obrigações diariamente. Seu turno de trabalho era das seis da manhã às três e quarenta e oito da tarde, aos sábados iniciava as sete e ia até às onze da manhã, usaria o transporte público para chegar ao seu local de trabalho, dois ônibus para o trajeto de ida e dois para o trajeto de volta para casa.

Antes de trabalhar na UFU exerceria a mesma função no Colégio Objetivo, porém a forma de contratação havia sido diferente, teria sido contratada diretamente pelo setor administrativo do colégio, não sendo assim uma funcionária terceirizada. Ser uma funcionária terceirizada fora um dos problemas apontados por Karina, quando lhe perguntara sobre seu trabalho na Universidade, ela dissera ser um bom trabalho, porém seria melhor caso houvesse sido contratada diretamente pela Ufu, a terceirização consistiria em ter um menor salário.

Aline: O que você acha de trabalhar aqui na UFU? karina: Uai é bom né, é bom mais seria bom se a gente fosse contratado pela UFU né, porque o terceirizado tem suas vantagens e desvantagens né, o salário é menos né, a gente trabalha muito e ganha pouco. Aline: você avalia que o salário é baixo? Karina: é, o salário é baixo.

Falara sobre outra atividade a qual se dedicava, a organização da festa de Congado. Ela era a primeira madrinha do terno Princesa Isabel, originado e organizado no bairro Patrimônio. Apontara a dificuldade em conseguir uma sede para o encontro do terno, dissera estar ocorrendo uma transformação no bairro Patrimônio, de residencial estaria se tornando comercial, com uma consequente super valorização das casas e terrenos e uma gradual saída dos moradores tradicionais. O bairro Patrimônio era considerado um local tradicionalmente ocupado por negros, nele ocorreria a organização dos ternos de Congado; também estariam presentes grupos responsáveis pela festa de carnaval da cidade. Acompanhara em outro momento os preparativos das duas festas populares, percebendo que se tratavam de reuniões dos moradores mais

antigos do bairro com a participação das gerações mais jovens e também de um grande público externo. Havia muito empenho e dedicação ao trabalho na organização do carnaval no ano de 2014, os encontros ocorriam no Terrerão do Samba, um galpão localizado na Rua das Américas no bairro Patrimônio. Pude perceber a dedicação dos envolvidos que conseguiam reunir além dos moradores locais um grande público externo. A abertura para participação na organização do evento era grande, fora convidada várias vezes, não aceitara, porém retornara ao local com o intuito de permanecer assistindo aos preparativos.

O espaço físico do bairro Patrimônio tornara-se objeto de uma forte especulação imobiliária, como Karina havia dito muitas pessoas perderam suas casas, assim ela e o terno do qual participava enfrentavam problemas para conseguir um local fixo de reunião. Na organização da festa de Congado haveria grupos que se responsabilizavam pela manutenção de cada terno de forma mais orgânica, Karina faria parte de um destes grupos. Relatara ser naquele momento a primeira madrinha do terno Princesa Isabel, seu marido seria o presidente. No ano de 2013, como ainda não possuíam um espaço físico próprio para seus encontros, eles estariam sendo feitos na casa da segunda madrinha.

Karina: eu tenho um grupo de Congado aqui em Uberlândia. Aline :ah! você faz parte do Congado? Karina: faço. Aline: qual que é o seu terno? Karina: Princesa Isabel. Aline: eu gosto muito do Congado, fico maravilhada com a festa, da última vez não fui, costumo ir na minha cidade, fui somente na preparação, é uma festa muito bonita! Karina: é, e a gente trabalha o ano inteiro. Aline: vocês ensaiam com muita frequência? Karina: não é muito ensaio, a gente trabalha às vezes fazendo evento, igual domingo agora a gente tem uma feijoada, reunião todo mês, assim a gente mexendo com documentação pra ver se a gente ganha um terreno da prefeitura pra fazer a sede do grupo. Aline: vocês não tem uma sede fixa ainda não? Karina: não, a gente não tem uma sede fixa ainda, dentro de Uberlândia que eu me lembre quem tem sede deve ser uns três ou quatro, então assim como ele foi fundado lá no Patrimônio, muita gente já perdeu suas casas porque lá tá virando bem dizer um bairro de comércio, então é onde a gente tá quase sem lugar para ficar né.

Pela fala de Karina sobre sua participação na festa de Congado, pude constatar a importância por ela atribuir à festa e à sua participação, logo no início ela se colocara da seguinte forma, "eu tenho um terno de Congado", e seguira afirmando, "eu tenho uma segunda madrinha, um vice, meu marido é o dono". Karina se colocara como protagonista da organização e como responsável pelas atividades de seu grupo, para ela

o Carnaval e o Congado fariam parte de sua formação pessoal, dissera ter sido criada dentro deles. Caso não trabalhasse na Universidade gostaria de fazer alguma atividade relacionada à estética, gostava de cuidar de cabelos e de unhas.

Otacília fora entrevistada logo após Karina, no dia seguinte. Encontrara com ela nas proximidades do bloco 1C, local onde estaria escalada para fazer a limpeza. Durante o encontro falamos brevemente sobre minhas pretensões, assim ela me conduziu até a sala das serventes de limpeza daquele bloco, nela o diálogo fora gravado. Ela tinha 32 anos (voltando ao trabalho escrito, percebi que haviam três trabalhadoras com a mesma idade, sendo elas Thais, Karina e Otacília) e morava no bairro Dom Almir, oriunda da cidade de Patrocínio, estava em Uberlândia há oito anos. Mãe de quatro filhos, trabalhava na Universidade pela empresa Servicorp há um ano e quatro meses no mesmo bloco, seu turno começava às seis horas da manhã e ia até às três e quarenta e oito da tarde, de segunda a sexta. Dissera que somente no bloco em que trabalhava e no bloco 3M não haveria escala de trabalho aos sábados.

Aline: E quais são seus horários de trabalho? Otacília: Das seis as três e quarenta e oito. Aline: de segunda a sexta, e sábado? Otacília: não. Aline: porque é meio variado né, tem algumas empresas... Otacília: na nossa empresa também tem só esse bloco, só nesse bloco aqui e no M que trabalha só de segunda a sexta Aline: entendi.

Afirmara nada ter a reclamar da função de servente de limpeza, nela encontrara a exigência de disciplina e desgastes, os quais pensava que não seriam diferentes dos existentes em qualquer outro trabalho. Havia trabalhado em muitos lugares antes de assumir aquele cargo, empregada anteriormente como trabalhadora rural, apanhava e plantava café, capinava, entre outras coisas. Conversamos sobre o fato de que na cidade onde eu havia morado antes, a presença dos trabalhadores rurais ser mais explícita, em Uberlândia era incomum ter contato com eles; na verdade até aquele momento Otacília havia sido a primeira. Ela atribuiu a inexistência de contato à diminuição do número de pessoas atuantes no setor, afirmava ser difícil encontrar pessoas que moravam na cidade e que se dispusessem a exercer trabalhos deste caráter. Além disso, eles ocupariam locais restritos na cidade, estavam nos bairros denominados por ela como periféricos, os bairros da pobreza.

Aline: Antes de trabalhar aqui onde você trabalhava Otacília? Otacília: Nossa! tanto lugar menina (risos) mais na roça. Aline: antes daqui era

na roça? Otacília: na roça. Aline: mas qual era a sua função? Otacília: serviços gerais, de tudo. Aline: tudo? Otacília: tudo um pouco. Aline: mais em sede assim? Otacília: não, apanhar café, capinar, plantar café, essas coisas sabe. Aline: hurum, aqui eu não tenho muito contato com trabalhador rural, não sei se é por causa do lugar onde eu moro, lá onde eu morava em São Gotardo eu via ônibus. Otacília: não, hoje assim, até 2009 tinha muito, hoje acabou né, hoje você não vê ônibus de trabalhador rural, é muito difícil você ver. Aline: e eles pegavam vocês lá no bairro assim? tinha um ponto? Otacília: tinha um ponto. Aline: morei lá no Jaraguá e aqui, aqui não existe né? Otacília: é porque eles vão mais nesses bairro afastado, eles fala periférico, da pobreza né, hoje aqui ninguém vai querer trabalhar em roça né, é raro você achar. Aline: um serviço mais duro né? Otacília: é. Aline: é mais pesado, eu até estranhei por isso você ter falado.

Outra atividade freqüente da trabalhadora seria as idas à uma igreja evangélica, a "Chama de Fogo", que de acordo com ela seria nova e possuía uma sede em Belo Horizonte. No mesmo dia da entrevista com Otacília ocorrera meu encontro com Rosa, uma das funcionárias contratadas pela empresa Servicorp. Gravamos o diálogo no mesmo dia do antecedente, esta entrevista e a gravada com Maria foram os mais longos relatos presentes na pesquisa. Ela era uma das mulheres com quem encontrava com maior freqüência ao lado do RU (Restaurante Universitário). No dia da entrevista, oito de agosto de 2013, encontrara com ela no local em questão, propondo a gravação do relato, o que ela concordara em fazer. Fôramos para a sala que ocupavam no bloco 1U, bloco em que Rosa trabalhava.

Ela tinha cinqüenta e um anos, divorciada e morava no bairro Morumbi, nascida em Uberlândia e mãe de quatro filhos, o mais jovem teria vinte e cinco anos e a mais velha trinta e um, filhos que afirmara ter criado fazendo limpeza: "criei meus filho tudo foi assim limpando, fazendo faxina, graças a deus". Vinha todos os dias para o trabalho de ônibus, seria necessário utilizar somente um para chegar até à Universidade. Quando questionada sobre o que acharia do seu trabalho, sua fala trouxera a descrição de uma experiência de longa data, trabalhava na UFU há pelo menos cinco anos e vivenciara o processo de terceirização do serviço de servente de limpeza, dissera que ela haveria ocorrido aos poucos.

Aline: O que é que você acha de trabalhar aqui na Universidade?
Rosa: Nossa já tem uns cinco anos mais ou menos que eu já to depois que eles terceirizaram esses blocos né, uns cinco anos já que eu to aqui, ah! eu gosto, acostumei, adoro, ixa se for falar pra mim sair

daqui eu acho que até choro. Aline: mesmo? Rosa: já acostumei eu gosto de ficar aqui, eu gosto de trabalhar aqui, trabalhei quase dois anos e ali no 3M, assim que eles terceirizaram o 3M, o 3M lá que é a música né, o Y, esse aqui o C e a reitoria né, na época que nos trabalhava na reitoria. Aline: porque foi terceirizando aos poucos? não foi geral não? primeiro... Rosa: não, era o pessoal da UFU que tomava conta né, mas já tinha o pessoal da Arqgraph que trabalhava aqui né, G, ali no 3Q. Três anos, isso, assim que eles terceirizaram esses blocos eu comecei aqui, faz uns cinco anos já, ai eu fiquei dois anos e pouco lá no 3M. Aline: cinco anos de terceirização já que tem? Rosa: bão, já tem bem mais, essa Arqgraph já tem bem mais de cinco anos.

Falara sobre toda a burocracia envolvida nas licitações e como agiriam as empresas licitantes com as freqüentes reorganizações de seus quadros de funcionários, havia passado por várias empresas durante o tempo em que exercia seu trabalho no campus Santa Mônica. Quando se dava o vencimento do contrato de uma licitante e ela deixava de ter responsabilidade sobre os serviços em questão, as serventes de limpeza contratadas que demonstrassem interesse em permanecer no emprego seriam indicadas à próxima licitante vencedora, dessa forma muitas mulheres permaneceriam na função por uma longa data, como era o caso de Rosa que dizia inclusive não ter pretensão de deixar o emprego por estar muito satisfeita. Relatara como ocorreria a mudança de licitante e como havia mudado de uma empresa para outra no decorrer dos cinco anos em que trabalhava na Universidade. Havia presenciado casos de rescisão contratual, nos quais também seria possível permanecer trabalhando pela nova licitante, sendo necessário para isso o estabelecimento de um novo contrato com a empresa que entrava.

Rosa: esse negócio de licitação é meio complicado né, diz que é uma papelada danada. Aline: pra empresa prestar serviço tem uma certa burocracia? Rosa: isso, ai fiquei seis meses na Arq, ai depois essa aqui entrou já tá com uma ano e quatro meses que eu to nesse serviço. Porque perde o contrato tipo assim a empresa entra, tem a licitação, esse caso a coordenação da outra diretora, não sei como é que é lá na reitoria, como que eles faz os contratos, ai se der algum problema, ai eles vai e rescindi o contrato com a empresa, ai a empresa, o dono da empresa sai. Aline: entendi. Rosa: ai acerta com o pessoal tudo. Aline: ai renova todo o pessoal? Rosa: ai outra empresa ganha, vem e entra entendeu, ai aquelas que quer ficar, fica né, continua. Aline: mas nesse momento então a Arqgraph perdeu o contrato e você... Rosa: não no caso, quando eu tava aqui quando a MB saiu, perdeu o contrato, a coisa só pegou emergencial, até essa aqui entrar, até o documento dessa aqui tá tudo legalizado, ai tem que ter uma prestando serviço nem que seja assim temporário, entendeu tipo assim temporário, até a outra que eles fecharem contrato, os documento tá tudo em dia. não. Aline: mas não tem um tempo certo que você possa

prestar serviço pela empresa não? Rosa: huhum, enquanto ela tiver funcionando, tiver dando certo vai indo. Aline: entendi. Rosa: a não ser que você queira sair mesmo, "oh! to cansada, eu vou fazer isso, vou viajar", aí você pede né, ou eles faz acordo com você, mas a maioria deles não gosta muito de fazer acordo não, aí você manda embora e pronto, ou cê vai fazer o que cê quer ou então cê fica em casa né, mas funciona é assim entendeu? Aí eu já tenho uns cinco anos é por causa disso, uma empresa pra outra.

A experiência de Rosa como trabalhadora em empresas de limpeza terceirizadas teria começado antes de atuar no âmbito da Universidade, dissera que seu emprego anterior havia sido na empresa Demiprática, também no setor de limpeza terceirizada, ficara no cargo por dez anos. Como foi apontado anteriormente por mais que o serviço terceirizado seja visto como um emprego instável e com alto grau de rotatividade, as falas e experiências das narradoras presentes na pesquisa divergiram desta assertiva, nenhuma delas estava há menos de um ano no emprego. A fala de Rosa, que estava há cinco no emprego atual e havia ficado dez anos no anterior, traria uma experiência dissonante da concepção hegemônica acerca do trabalho terceirizado, havia pelo menos quinze anos que atuava como servente de limpeza, sendo que no emprego anterior haveria prestado seus serviços por dez anos a uma única empresa, a Demiprática.

Rosa: eu trabalhei numa empresa, a primeira empresa que eu trabalhei na área de limpeza e conservação, eu fiquei nela quase dez anos, só numa empresa só. Aline: em uma só? Rosa: é. Aline: antes de você vim pra cá? Rosa: isso, antes de eu vim pra cá. Aline: qual que era a empresa? Rosa: Demiprática. Aline: como? Rosa: Demiprática. Aline: não, essa eu não conheço. Rosa: eles já tentou muitas vezes aqui, o contrato e não conseguiu. Aline: a licitação e não conseguiu? Rosa: é, essa o escritório dela essa ali no Martins, não sei se ainda é ali, eu trabalhei quase dez anos pra eles. Aline: nossa é muito tempo. Rosa: é, eu já to acostumada já com esse batidão.

No seu tempo livre Rosa gostava de sair para dançar e beber com suas amigas, afirmara que esta distração funcionaria para ela como uma terapia. Teria perdido o contato com algumas de suas companheiras, isso juntamente ao desânimo atribuído por ela à sua idade, estariam impedindo que retomasse seus passeios. No dia seguinte ao desta entrevista, encontrei-me com Dina, ela era uma das trabalhadoras da conservação e limpeza com a qual eu falava ocasionalmente. Encontrávamos-nos com certa frequência, pois ela cuidava de um dos blocos onde havia um grande trânsito de pessoas na Universidade, o 3Q. Algum tempo antes de convidá-la para a gravação do relato,

havíamos conversado sobre minha intenção de pesquisa, naquele momento ela me incentivara, dizendo que certamente seria fácil conseguir as participações das quais necessitava, havia falado sobre outra estudante da qual esquecera o nome e que também procurava por mulheres negras atuantes na limpeza da Universidade.

O diálogo com Dina fora gravado no dia nove de agosto, durante a tarde no bloco 3Q, na sala das serventes de limpeza. Solteira, mãe de um filho e moradora do bairro Roosevelt, pegava dois ônibus diariamente para chegar ao trabalho. Nascera em Rio Preto dos Alves e morava em Uberlândia há trinta e dois anos. Afirmara gostar do trabalho que fazia, porém o desgaste físico seria grande, nele haveria a vantagem de que as encarregadas, responsáveis pela fiscalização do trabalho das serventes, não ficavam constantemente monitorando seus afazeres. Dina como muitas outras das mulheres entrevistadas apontaram este como um dos maiores benefícios da função, a liberdade existente na determinação de suas obrigações diárias, teriam autonomia para escolher a melhor forma de fazer suas tarefas sem a interferência de superiores.

Dina: Eu gosto, tem dia que vai dando quinta-feira assim a gente começa cansa, eu começo cansa mesmo porque, eu começo a lavar, lavo umas duas três salas e já to com as costas doendo, braço tá doendo, coluna tá doendo, mas é assim mesmo né, faz parte. Quando começa a lavação de sala eu sinto cansada, minhas costas dói, braço dói. Aline: hurum. Dina: mas tirando disso. Aline: você acha que é um serviço de boa, tem os momentos de mais desgaste assim... Dina: é chefe não amola, só se a gente fazer alguma coisa delas ter, é obrigação delas chegar e chamar a atenção né, isso é muito difícil.

Ela trabalhava havia um ano e cinco meses pela empresa Arqgraph, antes cuidava da limpeza das estações de ônibus localizadas na Avenida João Naves de Ávila, sua encarregada haveria proposto sua mudança para a Universidade, lugar onde ela dissera gostar mais de estar. Seu horário de trabalho era diferente do das demais serventes entrevistadas, ela descrevera parte de sua rotina semanal de trabalho:

Dina: Oh! de segunda à sexta, à quinta, eu entro meio-dia, eu entro meio-dia e saio nove. Aline: de segunda à quinta? Dina: a quinta, na sexta feira eu entro nove e meia e saio seis e meia, e sábado quando eu trabalho no sábado, das seis às dez e folgo outro sábado, sábado e domingo, assim. Aline: é o seu dá uma variadinha do horário das outras, porque do meio-dia às nove, porque tem um pessoal que eu acho que vem das três as nove né? se seu não me engano. Dina: das

nove e meia às seis tem horário, o meu é do meio-dia às nove, das sete às oito é horário de janta.

Antes de ser contratada pela Arqgraph, trabalhara como doméstica, camareira e também por outra empresa terceirizadora de serviços de limpeza. No decorrer da entrevista, analisando as falas de Dina, pude perceber o quanto ela atribuía importância à sua aparência. Reclamava recorrentemente não poder se cuidar mais, acreditava ser de muita relevância a maneira como se apresentava aos outros, dissera que por vezes havia sido menosprezada ao tentar estabelecer contato com desconhecidos, atribuindo este comportamento à sua aparência, que segundo ela seria de "desleixo" e "velhice". Quando questionada sobre a possibilidade de um maior grau de escolaridade (havia estudado até a quinta série do ensino fundamental) lhe possibilitar melhores condições de vida, afirmara:

Dina: Ah! eu acho sim. Aline: você acha que sim? Dina: eu trabalharia num serviço mais limpo, mais maneiro, até eu né, às vezes eu tava uma pessoa mais, com a aparência mais melhor, tem tudo isso né, eu entro dentro do ônibus aí, sento perto dos outros, tem uns que vira o rosto pro lado. Dina: você sente uma diferenciação? Dina: eu sinto eles vira pro lado, tem mulher mais velha do que eu às vezes eu sento e converso fica caladinha. Aline: que é isso né, porque que você acha que isso acontece? Dina: é ruim, não sei, não sei se elas acha que eu to velha ou que eu sou o que, eu fico assim sem saber. Aline: eu concordo com você, é pelo menos estranho né? Dina: é, hurum. Aline: então você sente uma certa diferenciação? Dina: sinto sim, eu vejo muitos, não sei se eles pensa assim o outro já é mais jovem, essas coisas, essa senhora, eu to novo, ele tá novinho senta uma velha junto com ele. Aline: mas qual que é o problema o tanto que tem velho, tem jovem. Dina: tem jovem que fala, já tem outros que, é preconceito será? Aline: pode ser que sim.

Logo após a entrevista com Dina, saiu mais uma vez pela Universidade, ao passar pelo bloco 1Y vi mais uma servente, era Elis. Ela chamava um de seus dois filhos, que a acompanhavam naquele momento. Usava o uniforme da Servcorp e estava com seus instrumentos de trabalho em mãos. Fui até ela e me apresentei, falando em seguida sobre a pesquisa, ela concordara imediatamente com a gravação do diálogo, sendo uma das poucas participantes da pesquisa a se mostrar entusiasmada. Buscamos um local silencioso para que a gravação não fosse prejudicada, ela sugerira que

sentássemos nos bancos do lado de fora do bloco em que trabalhava, dissera que o movimento ali era pequeno. A entrevista fora gravada no dia nove de agosto, durante a tarde em um destes bancos e com a presença dos dois filhos de Elis. Lembro dela como uma mulher muito grande e comunicativa, durante a entrevista dispersava-se frequentemente devido à presença dos seus filhos, chamava a atenção de ambos para que ficassem quietos. Antes de iniciarmos a gravação uma técnica administrativa passara por nós, conversando um pouco com Elis, demonstrando uma relação de proximidade. Brincava com Elis, falando sobre sua importância por conceder entrevistas, nos deixando logo a seguir, assim iniciamos a gravação.

Elis tinha trinta e dois anos de idade (ela e outras três trabalhadoras tinham a mesma idade na data das gravações, somente percebi isso após ter escrito todo o trabalho), morava no bairro Jardim Célia, trabalhava pela empresa Servicorp no bloco 1Y havia um ano e seis meses. Como a maioria das entrevistadas utilizava o transporte público para chegar à Universidade, tinha que pegar diariamente quatro ônibus para chegar e mais quatro para retornar à sua casa. Era casada e mãe de três filhos, havia nascido na cidade de Rio Verde em Goiás, mas morava em Uberlândia há dezessete anos, nove das catorze mulheres entrevistadas não eram de Uberlândia. Seu horário de trabalho era das seis da manhã até as três e quarenta e oito da tarde, de segunda a sexta, no bloco 1Y. No bloco somente haveria salas de professores e laboratórios, por isso seu funcionamento era de segunda a sexta, pois os laboratórios seriam abertos somente por professores e eles não costumavam ir à Universidade aos sábados.

Antes de ser servente de limpeza, trabalhava na Sadia, fazendo a desossa de perus. Relatara que aquele seria o tipo de trabalho que não recomendaria a ninguém, ficara nesta função por um ano e oito meses, pedindo demissão por causa do desgaste físico gerado pelas exigências do trabalho. Quando tinha tempo gostava de ir à Igreja, freqüentava uma igreja evangélica chamada Farol de Oração.

Após a entrevista com Elis fiquei alguns dias sem procurar e abordar outras serventes, somente retomara a busca após cinco dias, terminar o trabalho de campo não foi fácil. No início havia muita empolgação, porém após certo número de entrevistas havia ficado desmotivada e cansada. Em alguns momentos chegando a pensar que poderia estar incomodando, não era algo que elas ou mesmo eu costumávamos fazer e que por vezes lhes causava certo constrangimento. Após tantas entrevistas o

procedimento tornara-se repetitivo para mim, mesmo assim prosseguira devido a necessidade de dar andamento ao trabalho que havia planejado.

Encontrei com Alvani pela primeira vez no dia treze de agosto, na porta do bloco onde trabalhava, o 1K. Tratava-se de uma pessoa muito séria e breve em suas falas, aceitara ser entrevistada no momento em que lhe fizera o convite. Quando a vi colocava o lixo para fora do bloco, como todas as demais entrevistadas estava com o uniforme da empresa pela qual trabalhava, neste caso da Arqgraph. Procuramos um local para gravar o diálogo, foi feito ao lado do bloco 1J. Alvani tinha quarenta e cinco anos, solteira, mãe de duas filhas e morava no bairro Shopping Park. Havia nascido em Montes Claros e morava em Uberlândia há quinze anos. Contratada pela empresa Arqgraph havia nove meses, sua trajetória de trabalho em empresas terceirizadas de limpeza na Universidade era longa, trabalhava na função há sete anos.

Aline: Nesse trabalho você tá há quanto tempo? Alvani: Nesse aqui nove meses. Aline: nesse aqui e nessa função dentro da Universidade por outra empresa você tem noção de quanto tempo que já faz? Alvani: deve ter uns sete anos. Aline: nossa Alvani, faz muito tempo, mas você só trabalhou depois que foi terceirizado esse serviço? Alvani: hurum, é foi. Aline: ai você já começou e ficou? nossa muito tempo. Alvani: é.

Seu turno de trabalho tinha início às seis horas da manhã, saía de sua casa às cinco e vinte para chegar ao seu local de trabalho no horário determinado, usava dois ônibus. Dissera ter trabalhado em outros turnos, como o de doze horas por trinta e seis, o mesmo utilizado pelos trabalhadores da segurança terceirizada da Universidade, nele se trabalharia por doze horas em um dia e o dia posterior ficava livre, acredito que este turno não era mais disponível para as funcionárias da limpeza, pelo menos nenhuma das serventes entrevistadas trabalhava nele.

Dissera que o trabalho na Universidade havia sido o seu primeiro fora de casa, anteriormente era responsável pelo serviço doméstico de sua residência. Quando não estava no trabalho dedicava-se ao cuidado da casa, de suas filhas e de seu marido; como muitas das serventes Alvani identificara-se como solteira, porém ao relatar sua rotina referira-se a um marido, isso ocorreria por não terem uma união formal, desta forma denominavam-se como solterias mesmo morando com uma pessoa.

No mesmo dia, logo após a concluir o relato com Alvani, fora até à biblioteca. Chegando lá perguntara à uma funcionária, responsável por fiscalizar a entrada e saída

de pessoas do local, acerca da presença das serventes de limpeza. Ela disse onde poderia encontrá-las e assim me deslocara ao local apontado, mas somente encontrei com uma das serventes, quando havia desistido e retornava à portaria. Dessa forma conheci Edna, me apresentando e dizendo que gostaria de entrevistá-la. Ela aceitara o convite, me levando assim para a sala que ocupavam na biblioteca. Estava uniformizada e em horário de trabalho, vestia o uniforme da empresa Eficaz, pela qual depois vim a saber que exerceria duas funções, a de encarregada e a de servente de limpeza. Tinha cinquenta e dois anos, mãe de dois filhos, divorciada e moradora do bairro Laranjeiras. Nascida na cidade de Capinópolis, havia vinte anos que estava em Uberlândia.

Dissera trabalhar como servente de limpeza na Universidade desde 2009, ter domínio sobre sua função e amar o que fazia. O trabalho exigiria muito e causaria desgaste físico, por mais que houvesse orientações no que se referia às melhores posições de fazê-lo, na pressa do dia a dia e devido ao hábito, por vezes nem ela que era responsável por auxiliar na melhor forma de execução das tarefas conseguia segui-las, isso lhe causaria algumas dores musculares. Havia nove anos que Edna trabalhava como servente de limpeza pela empresa Eficaz, destes nove anos fazia cinco que estava na Universidade. Antes estava empregada em uma empresa de confecção de roupas, nela seria responsável pelo acabamento das peças, dissera ter deixado o emprego, pois o valor recebido não estaria de acordo com suas necessidades e expectativas.

A última trabalhadora a ser entrevistada fora Sônia, ela havia sido a servente que se explicara pela colega de trabalho citada anteriormente, a que havia concordado em gravar o diálogo e desaparecido posteriormente, segundo Sônia por vergonha de ter mudado de idéia. A entrevista fora gravada no dia seguinte à de Edna. Finalizar a pesquisa apresentara-se para mim como um desafio, a necessidade de estar em negociação constante com as trabalhadoras e todo o desgaste acumulado durante o processo tornara a conclusão do trabalho pouco atraente. Encontrara com Sônia caminhando ao lado do bloco onde trabalhava, o 1F, como ela sabia das minhas intenções, não fora necessário explicar-lhe novamente o intuito da gravação do diálogo. Fôramos assim mais uma vez para os bancos localizados na lateral do bloco 1J, iniciando ali a última gravação. Sônia aparentava estar ainda um pouco constrangida pelo comportamento de sua colega de trabalho, conversamos brevemente sobre o assunto, dissera a ela que não havia sido nada assim tão grave e após isto principiámos a entrevista.

Sônia tinha quarenta e oito anos de idade, mãe de dois filhos, casada e moradora do bairro Santo Inácio. Nascera em Ituitaba e morava em Uberlândia há trinta anos. Cuidava da limpeza do bloco 1F, trabalhava pela empresa Arqgraph há três anos neste mesmo local, seu horário de trabalho era o da manhã, dissera gostar do que fazia. As exigências da função não seriam cansativas para ela, o desgaste seria proveniente do uso diário do transporte coletivo. O seu trabalho anterior também havia sido em uma empresa prestadora de serviços de limpeza terceirizada, a Invicta, ficara nele um ano. Fora do trabalho tinha preferência em dedicar seu tempo à família, gostava muito de estar com seus filhos e netos. A entrevista com Sônia fora a última gravação efetuada durante um período de vinte e dois dias. Em nosso encontro ela estava uniformizada, com os cabelos presos e utilizando as botas brancas impermeáveis, a composição fazia parte dos requisitos da empresa proponente e constavam no Projeto Básico de Limpeza Predial, todas as funcionárias entrevistadas apresentaram-se desta forma.

Ao falar sobre seus trabalhos como serventes de limpeza na Universidade elas demonstravam satisfação, como fora apontado anteriormente todas as trabalhadoras estavam a mais de um ano trabalhando pelas empresas de terceirização na UFU. Conversamos sobre as suas experiências de trabalho anteriores, elas haviam se dedicado a muitos tipos de trabalho, um fator comum entre eles era que se tratavam todos de trabalhos de ordem manual. Solange antes de ser contratada pela Arqgraph trabalhava por uma empresa chamada RB, na qual atuava na linha de produção de uniformes e de equipamentos de trabalho encomendados por outras empresas. Thais e Elis trabalhavam na Sadia, a primeira como operadora de produção e Elis na desossa, dissera ter sido um emprego que a havia desgastado muito, ficara nele por um ano e oito meses, optando pelo seu abandono após este período. Ela descrevera esta experiência da seguinte forma:

Elis: trabalhava na Sadia. Aline: na Sadia, o que é que você fazia?
Elis: lá eu descia perna, eu trabalhava na desossa. Aline: desossa, difícil? Elis: é, desossa de peru, lá minha filha é um lugar que eu não aconselho ninguém. Aline: já soube de muita gente que trabalhou lá, falam que o serviço é pesado mesmo, você trabalhou muito tempo lá?
Elis: é, um ano e oito meses. Aline: você ainda ficou muito tempo.
Elis: eu pedi conta. Aline: você pediu conta, desgaste físico? Elis: é.

Marilis havia trabalhado por onze anos como doméstica em uma casa, dissera ter saído deste emprego sem receber os valores que lhe eram devidos por tempo de

trabalho, sentia-se mais segura na função de servente de limpeza, pois o contrato assinado juntamente à empresa garantiria todos os seus direitos, o que não ocorrera nos trabalhos informais em que atuara. Edna, a servente da copa, também trabalhara como doméstica em uma casa por dois anos antes de ser contratada pela Ética, empresa pela qual trabalhava há sete anos, destes fazia cinco no interior da Universidade. Maria trabalhava em uma empresa de reciclagem localizada no bairro Marta Helena, ela dissera tratar-se de um galpão alugado por um antigo catador de material reciclável que havia passado a contratar pessoas, tendo comprado e alugado máquinas para a transformação do material recolhido nas ruas que podia ser reciclado. Ficara um ano trabalhando neste lugar e dois anos por conta própria com reciclagem. Ela falara sobre parte desta experiência e de suas atribuições neste trabalho:

Maria: o dono começou ele catava reciclagem na rua, ai teve a idéia sabe, ele alugou essa máquina de bater o plástico pra virar pó, ai depois ele com isso passou a vender aquele produto preparado, ai propôs comprar a máquina o dono vendeu ele comprou, ai depois ele alugou outra que era de transformar aquele pó em fio, ai cortava assim ficava as bolinha. Aline: só trabalhava com plástico Maria? Maria: só, ai depois disso eu demorei ainda dois anos pra arrumar, pra entrar aqui, ai eu mesmo eu trabalhei com reciclagem. Aline: você também. Maria: só que ai eu já sabia o que é que era mais valioso. Aline: e já procurava uma coisa mais certa. Maria: isso, tinha menos trabalho quando eu ia separar, ai eu já sabia o que é que eu fazia.

Rosângela trabalhara como babá por dois anos e cinco meses em uma casa antes de ser contratada pela Eficaz. Karina exercera uma função parecida à executada como servente de limpeza no Colégio Objetivo, a única diferença apontada por ela seria a forma de contratação, havia sido contratada diretamente pela administração do colégio. Otacília era trabalhadora rural, apanhava café, plantava e capinava, entre outras coisas:

Aline: Antes de trabalhar aqui onde você trabalhava Otacília? Otacília: Nossa, tanto lugar menina (risos) mais na roça. Aline: antes daqui era na roça? Otacília: na roça. Aline: mas qual era a sua função? Otacília: serviços gerais de tudo. Aline: tudo? Otacília: tudo um pouco. Aline: mais em sede assim? Otacília: não, apanhar café, capinar, plantar café, essas coisas sabe.

Rosa e Sônia haviam trabalhado como serventes de limpeza por empresas terceirizadas diferentes das que atuavam no momento das entrevistas, Rosa por uma chamada Demiprática e Sônia pela Invicta. Dina trabalhava na limpeza do American Palace Hotel e Edna, a encarregada da Eficaz, fazia acabamentos em uma empresa de confecção de roupas.

Como havia dito anteriormente as funções anteriores ocupadas pelas serventes restringiam-se a serviços manuais, falando de forma mais prolongada acerca de suas experiências de trabalho todas elas disseram ter trabalhado como domésticas, era uma experiência comum entre estas mulheres. Uma afirmativa recorrente nas falas sobre suas atuais condições de trabalho, dizia respeito à autonomia possuída na execução de suas funções. As encarregadas das empresas, responsáveis pela fiscalização de seus trabalhos foram apontadas como mulheres compreensivas e que não causavam problemas em suas rotinas de trabalho. Para quem havia trabalhado de maneira tão próxima aos seus contratadores, como no caso do exercício da função de domésticas ou mesmo dos outros trabalhos executados e descritos por elas, ter a possibilidade de determinar a melhor forma, quando e como seu trabalho seria feito aparece como uma vantagem quando comparado às experiências de trabalho anteriores. Este seria um dos fatores que poderia justificar o elevado grau de satisfação demonstrado por elas ao narrarem suas condições e vivências relativas ao trabalho na UFU. Todas as serventes possuíam um período de contratação grande nas empresas, algumas como Rosa disseram ter a pretensão de se aposentar na função. Além da ausência de pressão no trabalho e das boas relações pessoais, outra vantagem seria o trabalho ao ar livre. Por mais que suas funções se restringissem à limpeza predial, quando sentiam necessidade podiam sair dos blocos e entrar em contato uma com as outras, costumam ser encontradas com mais facilidade fora dos blocos e em grupo do que dentro deles. Comparado às experiências de trabalho anteriores esta apresentaria condições que a colocariam em um patamar elevado de satisfação e explicaria a vontade de permanência apresentada por elas. Outra questão seria pensar em como o setor de serviços tem empregado majoritariamente as mulheres negras que não possuem qualificação e como seriam restritas as possibilidades de trabalho deste grupo, pensando a partir das narrativas trazidas na pesquisa, em como elas seriam quase impossibilitadas de exercer trabalhos que não fossem manuais, há aqui por uma questão de classe, étnica e histórica uma limitação das possibilidades do sujeito histórico mulher negra, elas não puderam escolher fazer outra coisa.

O período das entrevistas se estendera do dia vinte e quatro de julho ao dia catorze de agosto do ano de 2013. O número de serventes de limpeza entrevistadas não havia sido definido antes do início do trabalho de campo, após gravar os catorze diálogos avalira, juntamente à minha orientadora, ter material suficiente para análise, todas as entrevistas seguem transcritas e em apêndice ao final do trabalho. Como havia dito no decorrer da narrativa, todas as participantes trabalhavam no campus Santa Mônica, pelas quatro empresas terceirizadas (Arqgraph, Ética, Servicorp e Eficaz) que haveria ganho a licitação no ano de 2013. A minha tentativa no primeiro capítulo fora a de perceber como o sujeito histórico mulher negra se constituía e se percebia por meio de suas vivências sociais proporcionadas por suas rotinas de trabalho, buscava conhecê-las um pouco mais. Pude assim perceber como suas trajetórias de vida, por vezes similares e por vezes muito diferentes refletiam-se em como elas se percebiam e se portavam. O sujeito histórico escolhido como temática de pesquisa constituía-se neste momento por por meio de sua experiência histórica descrita em suas narrativas individuais. O trabalho ao qual se dedicavam naquele momento cumpria um papel central na forma em que se identificavam e na maneira como experimentavam o mundo, suas relações e seu modo de vida, além de ser uma forma pela qual nós, os outros, às identificávamos.

Ser negra: questões étnicas e racismo.

Neste capítulo foram reunidas as experiências das serventes de limpeza da Universidade Federal de Uberlândia no que se refere a vivência da cor negra, por mais que eu tivesse tentado restringir esta experiência ao âmbito das relações de trabalho (mesmo que isso tenha ocorrido de forma involuntária), elas trouxeram os mais variados relatos e narrativas acerca do tema. Esta experiência não poderia ser restrita a um único setor de suas vidas, sendo determinante em sua experiência como mulheres, como trabalhadoras, como mães, em sua existência como seres humanos.

Duas das questões presentes no roteiro tratavam da questão racial de forma direta. Uma delas questionava sobre a possibilidade de elas terem encontrado maiores dificuldades em suas trajetórias de vida, empecilhos que pudessem ser atribuídos ao fato de serem negras. A outra sobre as condições de brancos e negros em nossa sociedade, se as condições de trabalho e estudo destes dois segmentos seriam semelhantes ou haveria diferenças.

Solange identificara uma diferenciação entre brancos e negros na busca por empregos, dizia que quando ia às entrevistas percebia na forma como era olhada e no tratamento uma preferência dada às pessoas de pele mais clara, segundo ela nem uma maior qualificação na área em que se tentava atuar seria suficiente para competir partindo do mesmo patamar com pessoas brancas. Achava ser hipocrisia negar a existência da desigualdade nas vivências de pessoas negras e de pessoas brancas como via muitos fazendo, a desigualdade apontada pela entrevistada embasar-se-ia na diferença fenotípica entre os dois grupos, assim somente o fato de se possuir a pele escura, juntamente aos traços fenotípicos do grupo em questão (lábios grossos, cabelos crespos, pele escura) desdobrar-se-ia em uma conseqüente dificuldade na obtenção de trabalho, pois as pessoas que possuíam estas características seriam previamente menosprezadas.

Solange: Porque quando você vai fazer alguma entrevista né, até o olhar você nota diferença né, quando é uma cor de pele mais clara de que você. Aline: você acredita que elas tenham preferência? Solange: isso, às vezes tem até menos grau de escolaridade. Aline: qualificação? Solange: de que você, do que a gente, mas como se diz, tem isso hoje na nossa época ainda, muito tá que tampa os olhos falando que não, mas tem sim. Só que nos não devemos ficar assim

como se diz, sentir inferior não, nós temos que batalhar e seguir em frente né, porque como se diz estamos aí não deve ser ficar sendo menor não, então vamos batalhar para nós sermos iguais.

Há muitas discussões acerca da desigualdade racial e na forma como se mantém no nosso país, o racismo tem sido majoritariamente apontado como uma construção ideológica, uma elaboração intelectual com fins políticos e econômicos, pensá-lo somente desta forma impediria a compreensão da diversidade e da historicidade de suas manifestações, além de não permitir perceber as variadas maneiras como ele seria experimentado cotidianamente na vivência dos sujeitos. Solange vivia o racismo como uma dificuldade concreta de conseguir trabalho, afirmara que nas entrevistas de emprego das quais participava seria constantemente preterida em prol de pessoas brancas, segundo ela nem mesmo o fato de estar mais apta a certas funções mostrar-se-ia como elemento capaz de romper com a prática discriminatória. O racismo vivido por Solange traria mais elementos do que os apontados pela compreensão do racismo como uma construção ideológica, na vida dela era uma prática cotidiana que a impediria de atuar nos empregos que queria. Serviria como entrave à uma possível melhoria em sua condição social, quando saía em busca de trabalho ouvia negativas as quais atribuía ao fato de ser negra. De acordo com ela pessoas brancas e negras não partiriam das mesmas condições sociais, os negros teriam que batalhar mais para conseguir boas condições de trabalho e para estudar, afirmara que isso ocorreria devido às práticas racistas de preterimento, muitas das quais havia vivenciado durante sua trajetória de vida. A avaliação desta narradora aproximava-se muito da feita pelo Dossiê Mulheres Negras do IPEA de 2013, partindo de uma problemática diferente da que trago em minha pesquisa, no trecho em questão os autores (neste caso a autora) apontava em um diálogo com as estatísticas, a forma como ocorreria a concretização das desigualdades de raça e gênero no acesso a bens e na exclusão digital. Partindo da seguinte epígrafe para desenvolver sua argumentação:

A discriminação racial funciona para os brancos como calçados que usam para correr contra negros descalços. Torna a corrida tranquila para os primeiros e extenuante para os últimos. Para que a equalização racial ocorra no Brasil, em um horizonte de tempo aceitável, é preciso, primeiro, tirar os calçados dos brancos. Depois, deixá-los correrem descalços por algum tempo e calçar os negros para que os alcancem (Osório, 2008, p. 91).

A narradora Solange apontara para esta diferença de situação entre brancos e negros, partindo da sua experiência e da de seus filhos, ela dizia que eles teriam que batalhar muito mais para obter resultados. O fato de um grupo possuir privilégios sobrecarregaria o outro, impedindo que as condições sociais pudessem ser usufruídas da mesma forma. Pensava que as condições materiais dos negros seriam menores que a dos brancos e que isso dificultaria na obtenção de boas condições de trabalho e minimizaria as possibilidades de estudo. Dissera não poder dar aos seus filhos o que eles necessitavam para procurar por melhores condições de vida, avaliara que eles acabavam sendo preteridos devido à sua condição material, tendo que deixar os estudos e enfrentar condições ruins de trabalho para obter o seu sustento e o de sua família.

Aline: Você acha que brancos e negros possuem as mesmas condições de trabalho ou mesmo de estudo? Solange: Não, eu acho que não, ainda quero que eu tenho meus filhos e todos dois estão assim, tem que batalhar muito. Eu batalho muito né e falo muito com eles mesmo pra eles, mas só que tem momentos em que você não tem muita condição, assim de tá colocando eles, como se diz, dar o tanto de coisas que necessita pra eles né, então muitas das vezes eles tem que desistir pra poder tá trabalhando pra poder tá ajudando em parte né.

Thais, diferentemente de Solange, acreditava não ter passado por nenhuma experiência discriminatória que pudesse ser atribuída ao fato de ser negra, para ela negros e brancos possuíam as mesmas possibilidades de estudo e trabalho. Marilis achava que brancos e negros não partiriam do mesmo patamar, as condições seriam diferentes devido à existência do preconceito voltado contra os negros:

Marilis: É diferente, eu acho né. Aline: mas o que você vê que te leva a crer que seja assim? Marilis: como assim? Aline: porque é que você acha que essas condições são diferentes? Marilis: que tem diferença? Aline: o que é que você vê? Marilis: porque o pessoal ainda tem muito preconceito com os pretos né, eu acho é nessa parte né. Aline: hurum, você acha que o preconceito é que causa esse empecilho? Marilis: ah é, hurum.

Mesmo acreditando na existência do preconceito racial, dissera não ter enfrentado dificuldades pelo fato de ser negra, não haveria vivenciado nenhuma situação que a houvesse preterido por causa da cor. Um fator que afirmara ter lhe causado problemas seria o pouco tempo de dedicação aos estudos, ele a haveria impedido de conseguir empregos melhores. Edna avaliava que as diferenças entre

brancos e negros tinham sido maiores, apesar da diminuição elas ainda existiriam, oscilando de acordo com o lugar analisado.

Edna: Uai, tem alguns lugar que sim né, mas hoje em dia támo bastante normal, agora diminuiu bastante, antigamente era bem mais difícil, mas ainda existe em algum lugar. Aline: você acha que existe alguma diferença? Edna: existe, existe sim diferença, diminuiu, mas ainda existe bastante.

Quando lhe perguntara se em algum momento de sua trajetória teria sido preterida pelo fato de ser negra, percebi estranhamento de sua parte, eu a havia identificado como negra, mas isso não assegurava que ela se considerasse assim. Edna possuía cabelos crespos e alisados como a maioria das serventes entrevistadas, além do fenótipo que eu avaliava determiná-la como negra. Porém, estes seriam atributos que eu elencava como de pertencimento ao segmento negro, o que ficara patente naquele instante divergir da concepção de Edna. Em sua experiência individual a cor não teria se desdobrado em discriminação ou mesmo em empecilhos pessoais.

Assim que iniciamos uma discussão acerca da questão racial e a forma como Maria viveria a sua experiência como uma mulher negra, ela mudara imediatamente o semblante, ficando séria e assumindo uma postura ereta. Afirmara que por mais que ao longo de sua vida tivessem tentado convencê-la de que sua cor seria um problema, isto não a haveria atingido de forma direta, para que a discriminação racial se concretizasse seria necessário o consenso entre ambas as partes. Vítima e agressor deveriam estar em diálogo, não ocorrendo isto, havendo desacordo do segmento negro, a atitude racista não se perpetraria. Para que o preconceito de origem racial não se concretizasse a postura do negro seria determinante, por mais que houvesse recebido impulsos negativos por parte da sociedade em que vivia, Maria não os tomara como verdades. Caberia a nós, que nos consideramos negros, a tarefa de repelir qualquer forma de menosprezo baseado em diferenças fenotípicas, assim a discriminação pregada e vivida por alguns estaria fadada ao desaparecimento.

Aline: no sentido de conseguir trabalho ou de conseguir fazer outra coisa, você acha que é um empecilho, ser negro você acha que atrapalha? Maria: olha eu vou falar uma coisa pro cê, tem gente que tenta fazer com que isso seja pra nois negro atrapalhe. Aline: você não sente nem um peso não, não te atrapalha? Maria: não de jeito nenhum, porque tem gente que tenta fazer com que seja, mas isso depende da gente. Aline: você acha que a pessoa tenta desconsiderar? isso ocorre? Maria: isso ocorre, mas tem pessoas que pensam 'nossa eu realmente',

mas não é por aí. Aline: tem gente que se enquadra né? e acaba acreditando nesse tipo de visão. Maria: isso acreditando e leva aquele peso e acaba caindo mesmo, não é por aí.

Rosângela afirmara ter enfrentado dificuldades em sua vida motivadas pela cor de sua pele. Perguntara-lhe de que forma estas dificuldades haveriam se manifestado, porém ela não apontara nenhum acontecimento em específico, dizendo que o preconceito de cor que sentia costumava se manifestar nos olhares a ela direcionados. Dissera senti-lo com frequência na forma de tratamento que lhe seria dado. Até que ponto o tratamento diferenciado existiria e até que ponto ele poderia ser uma criação dela, fora uma dúvida que surgira ao retornar à entrevista. Rosângela não era uma pessoa aberta e disposta ao diálogo, havia ficado surpresa pelo fato de ter aceitado gravar o diálogo, apresentava-se uma pessoa armada, reforçando isto por meio de sua postura corporal. Mantivera seu corpo rígido e me encarava como se estivesse sendo atacada, por mais que eu tenha tentado desarmá-la, criando um ambiente leve, não obtivera nenhum resultado. Não que a maneira como a servente se portara deslegitimasse sua experiência de vida e o modo como ela havia vivenciado as práticas racistas. Porém ao se pensar o racismo como uma prática relacional, na qual estariam envolvidos os perpetradores da ação e seus receptores, avaliara que uma postura fechada como a da servente Rosângela, unida ao seu sentimento de inferioridade, poderia criar uma lente por meio da qual a maioria das ações a ela direcionadas serem interpretadas como discriminatórias. Ela haveria se fechado à comunicação externa, guardando uma visão socialmente disseminada acerca dos trabalhadores do setor de cuidados e também dos negros, sua visão faria sim sentido, porém poderia ser agravada por alguém que havia perdido a capacidade de dialogar com o outro, esteriotipando-o, e com tamanho senso de inferioridade.

Como Maria dissera anteriormente, nós negros saberíamos que de fato o preconceito racial existia, porém haveria a possibilidade de escolhermos as maneiras de como lidar com ele, poderíamos nos adequar, constatando sua presença em todas os acontecimentos que nos preterem, nos vitimizando ou demonstrando que apesar de todo o histórico de violência sofrido e por vezes mantido inclusive pelo povo negro, não ofereceria nenhum critério ou elemento concreto que nos classificaria como menores, poderiam tomar caráter negativo caso agíssemos para que assim fosse. Mesmo concordando com Maria, percebo a dificuldade de se reverter um quadro histórico

alimentado por padrões de relacionamento e fundamentado em experiências sociais que perduram a séculos, mas creio que esta seria uma opção que poderia melhorar nossas condições, tendo em vista que a constante vitimização e sentimento de inferioridade ao qual muitos negros se prenderam não o tem feito.

As diferenças fenotípicas dos diversos povos constituintes da humanidade não deveriam continuar sendo tratadas e vividas como elementos inferiores quando comparados ao padrão fenotípico branco caucasiano, a riqueza de ser humano fundamentar-se-ia nestas diferenças, tanto físicas quanto culturais. Assim como Maria acredito que nos seja permitido fazer escolhas, podendo nos adequar, confirmando os padrões relacionais e estéticos de uma sociedade embasada e forjada por meio da desigualdade racial, na qual o negro fora pensado como feio e incapaz para que assim o branco pudesse ser belo e superior. Para isto bastaria continuar reforçando a idéia de que alguns seriam de fato mais capazes, melhores, que para a vitória de alguns, a derrota de uma maioria seria necessária, ou buscar novas alternativas ao perceber que ao assumirmos com tanto afinco o papel de vítima, estaríamos nos tornando seres limitados. Surgiria assim a possibilidade de romper com o padrão binário, aguçando nosso poder de criação, ele poderia ser usado para o estabelecimento de novas formas de pensar, de se viver e de se sentir, novas formas de ser que não visem a aprovação dos vencedores, mas a forma criada por sujeitos históricos autônomos.

Para que sejamos livres será necessário pensar por nos mesmos, viver de acordo com o que nos disseram ser o melhor também é uma prisão. Ao repelirmos o paradigma certo/errado, experimentando nossas incertezas, não como peritos ou detentores de uma verdade, mas como seres humanos aos quais fora negada a possibilidade de ser, poderemos superar a limitação que nos fora imposta, a qual internalizamos com tanto primor, mas para isso seria necessário coragem.

As falas e as posturas das duas entrevistadas dialogariam com o que havia sido colocado por Alessandro Portelli. Ele avaliara que enquanto não fossem mudadas as perspectivas acerca das diferenças, com o conseqüente abandono de práticas e discursos autoritários e frágeis, as diferenças continuariam a ser adotadas com o intuito de afirmação por alguns, necessitando para isso da diminuição de outros, como uma igualdade forçada ou como uma diferença imposta.

A liberdade significa a possibilidade de escolhermos nossas próprias diferenças, mas essa escolha só se torna viável em um estado igualitário. A diferença se transformará em hierarquia e em opressão, a

menos que essa liberdade de escolha seja compartilhada por todos, nas mesmas proporções: as diferenças universais têm como base os direitos universais iguais (exceto, é claro, se estivermos nos referindo apenas à "liberdade" individualista e competitiva de fazer prevalecer a diferença de um ser humano sobre os direitos de outros). Não teremos condições de reivindicar nossas diferentes identidades, se formos todos iguais, e tampouco conseguiremos procurar a diferença por nós escolhida, se alguém tiver poder para nos impingir uma igualdade forçada (assimilação) ou uma diferença imposta (racismo e sexismo). Na busca pela diferença, não podemos nos esquecer de que também acalentamos um sonho de compartilhar, de participar, de comunicarmo-nos e de dialogar. (PORTELLI, 1997, p. 19)

A servente Rosângela havia afirmado a existência do racismo e relatara a maneira como o teria vivido, porém não via uma diferença concreta de oportunidades entre os brancos e os negros. Dissera que no local onde estava, não conseguia constatar nenhuma diferença de condições entre os dois segmentos, todos partiriam das mesmas condições sociais na busca por melhores condições de vida em nossa sociedade. Karina relatara parte de sua primeira experiência de trabalho como doméstica, na qual haveria sofrido acusações de roubo constantes por parte de sua empregadora. Ela atribuirá toda a desconfiança sofrida em seu local de trabalho ao fato de ser negra. Conversara inúmeras vezes com sua mãe acerca dos acontecimentos em questão, nestas conversas sua mãe lhe falava sobre a forte discriminação sofrida pelos negros. Após um ano e meio deixara o emprego e no momento da entrevista viveria uma experiência totalmente diferente, trabalhando em um local onde seria respeitada e com pessoas cordiais.

Karina: Ah! tem coisa que sim, eu mesmo eu já trabalhei num lugar com uma mulher que quando eu comecei a trabalhar ela desconfiava muito de mim por causa da minha cor e até falar que tava sumindo remédio dela de dormir ela falou pra mim. Aline: falou falou diretamente para você? Karina: 'ai meus remédios tá sumindo', ai eu falei pra ela o único remédio graças a deus que eu tomo é o anticoncepcional, ai eu dei um jeito de sair daquela casa, fiquei lá um ano e meio e ela não pegou a segurança, eu ia continuar lá pra que né!é, ela não era direta não, mas a gente desconfiava dela pelo jeito dela conversar com a gente né, foi ai eu fui pegando, ainda tinha mãe que hoje eu perdi não tenho ela mais, eu conversando com ela ai minha mãe falou assim 'é melhor você sair de lá', porque minha mãe conversou, 'porque essa cor da gente é muito discriminada minha filha', porque foi um dos meus primeiros empregos, ai foi onde eu sai de lá, preferi sair. E agora graças a deus to aqui, que todo mundo me trata bem minhas amigas de serviço, encarregada, aqui eu não tenho nada a reclamar, até os alunos, mas melhorou bastante nossa.

Segundo ela a diferença entre brancos e negros havia existido, atualmente seria um comportamento extinto. Embasara sua assertiva na experiência vivenciada na Universidade, onde havia inúmeros negros como ela cursando o ensino superior. Acreditava que qualquer pessoa poderia alcançar seus objetivos, desde que tivesse força de vontade.

Aline: Você acredita que brancos e negros possuem as mesmas condições de vida, possibilidades de estudo, trabalho ou você acha que tem alguma diferença? Karina: Não, se fosse antigamente tinha diferença né, entre o branco e o negro, mas pra mim eu acho que agora quem por exemplo, pessoa cresceu e fala eu vou estudar e quero ser isso, se tiver força de vontade consegue né? Aline: hum. Karina: por igual aqui na UFU eu vejo muitos negros igual eu, tá aí formando, hoje em dia, igual você né. (risos da entrevistadora) Karina: hoje em dia eu acho que não tem muita dificuldade não, isso aí é força de vontade mesmo, eu é porque na minha época não tive muita oportunidade. Aline: então você acha que hoje mudou? Karina: mudou tá tudo mais fácil. Aline: tá mais fácil? Karina: tá mais fácil.

Otacília afirmara que o fato de ser negra não havia se constituído para ela em um problema, não sentira nenhuma forma de rejeição ou preterimento que acreditasse ter sido motivados por sua cor. Porém quando falamos sobre uma possível igualdade nas oportunidades sociais disponibilizadas para as pessoas brancas e para as pessoas negras, percebera que mesmo não tendo sofrido diretamente nenhuma forma de discriminação, as possibilidades seriam diferentes para os membros dos dois grupos étnico-raciais em questão. Sua experiência dentro da Universidade confirmava sua opinião, nela haveria uma grande diferença de acesso entre os dois segmentos. Dizia ser muito difícil encontrar com algum negro estudante, ali haveria somente "filhinhos de papai", termo utilizado para se referir aos brancos. No período de um ano e quatro meses em que ali estava, poderia enumerar as vezes em que haveria encontrado com algum negro, de cem por cento de pessoas presentes, retiraria um número inferior a dez por cento de negros. Não haveria nenhum professor negro no bloco em que trabalhava e mesmo em outras funções dissera conhecer somente um.

Aline: Você acredita Otacília que pessoas brancas e negras possuem as mesmas possibilidades, as mesmas condições de ganho de vida, de estudo? Otacília: Oh menina! sinceramente às vezes não, sabe assim por que tem coisa que não assim, não porque, nunca me discriminaram, mas que nem aqui é muito difícil você ver um negro estudando, muito difícil você só vê filho de papai, só branco, então...

Aline: você acha que as condições não são iguais? Otacília: não são iguais, é difícil ver um negro estudando aqui, é difícil você ver um negro com carro novo, ou seja velho, é difícil você ver aqui, você vê só branco, branco, branco, é difícil até falar, porque tem um ano e quatro meses, então a maior parte a gente já conhece, já vê né, então você não vê negro, muito raro, mesmo se tiver lá fora andando, você vai ali fora é muito raro você ver um negro. Aqui não tem professor negro, aqui eu nunca vi, nunca vi juro por deus.

A experiência de Otacília na Ufu dialogava com as reflexões trazidas por um artigo presente no Dossiê Mulheres Negra, acerca da maneira como tem ocorrido o aumento da inserção de pessoas no ensino superior brasileiro. O artigo em questão buscava conhecer um pouco da situação das mulheres negras no ensino superior, para avaliá-la fora feita uma comparação entre quatro grupos, sendo eles mulheres brancas, homens brancos, mulheres negras e homens negros. A inserção e presença das mulheres negras no ensino superior fora feita em comparação e em relação a estes grupos. Entre os anos de 1998 e 2002 teria havido um grande aumento no número de matrículas, de abertura de cursos e das instituições responsáveis por ministrar ensino superior no país, sendo o setor privado o que haveria apresentado o aumento mais significativo. Roger Geiger denominara a expansão do setor privado como *mass private sector* (setor privado massificado), este modelo de crescimento teria o intuito de suprir a demanda popular ou de massa por ensino superior apenas como um complemento ao ensino público, que possuiria evidentemente uma menor abrangência, sendo altamente seletivo, além de se voltar majoritariamente para o estabelecimento de carreiras tradicionais e bem estabelecidas.

O estudo constataria que por mais que houvesse um crescimento na taxa de entrada de homens e mulheres no ensino superior, a distância na inserção dos dois grupos havia permanecido, ou seja, o crescimento não se desdobrara em equidade na presença de homens e mulheres nos níveis em questão, os homens continuariam sendo minoria, porém a análise não levava em conta as diferenças raciais, regionais e de estratificação social. Outro ponto percebido fora o de que as IES (instituições de ensino superior) privadas aumentaram o número de faculdades sob sua administração, enquanto as universidades permaneceram majoritariamente sob a gestão do setor público. De acordo com a LDB (lei de diretrizes e bases da educação) do ano de 1996 há uma diferença significativa entre as atribuições das faculdades, dos centros

universitários e das universidades, sendo a principal no que diz respeito ao grau de autonomia concedida a cada uma destas estruturas.

As universidades poderiam gozar de autonomia plena e 70% do corpo docente deveria ser constituído por professores estáveis; os centros universitários gozariam de certa autonomia em suas decisões, menor do que a das universidades e de 70% de seu quadro composto por professores estáveis; as faculdades possuiriam autonomia restrita, não tendo obrigatoriedade quanto à manutenção de um quadro de professores que tivessem estabilidade, em uma porcentagem que chegasse a 70%. Os apontamentos ressaltados anteriormente acerca das diferenças entre os modelos de disseminação do ensino superior brasileiro pautado nas normas da LDB demonstrariam parte da grande diferença nas concepções de educação adotadas pelas IES públicas e pelas privadas, visto que as IES públicas possuiriam maior número de universidades enquanto as privadas seriam responsáveis pelas faculdades, instituições fundamentadas em modelos educativos muito diversos.

Quando foram adotados critérios raciais e de gênero, fora constatada a manutenção da distância de inserção do grupo mulher negra quando comparado ao grupo mulher branca e homem branco. As diferenças regionais e geracionais também seriam relevantes nas diferenças de inserção dos grupos avaliados. Mesmo com o aumento do número de matrículas, dos cursos e das instituições de ensino superior e com a entrada de todos os grupos, a distância entre o segmento branco e negro continuaria a mesma, os negros eram menor número, quando a comparação passava para o segmento mulher negra aumentaria ainda mais a diferença. Haveria também a necessidade de se pensar no modelo de educação superior adotado que vem se consolidando. O *mass private sector* buscaria lucro com a venda da educação, discussões acerca da metodologia, da qualidade e de que forma de ensino seriam esta, apareceriam assim como questões importantes para a avaliação, principalmente em um país que constitucionalmente compreende a educação como um bem público ao qual todo brasileiro tem direito.

Pensando na expansão privada do ensino superior, juntamente à experiência da trabalhadora Otacília e à minha enquanto negra e estudante de uma IES pública, poderíamos refletir em como os negros têm sido majoritariamente absorvidos pelas instituições privadas de ensino. O aumento do número de estudantes negros no ensino superior tem ocorrido, porém prioritariamente no ensino privado. A experiência de Otacília, a minha e a constatação presente no artigo do Dôssie dialogam entre si,

trazendo algumas similaridades acerca da inserção do segmento negro no ensino superior.

Durante a graduação havia participado do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) durante dois anos, em uma escola do bairro Parque São Jorge, na Escola Estadual do Parque São Jorge. Nela constatamos (eu e os demais estagiários) uma maioria de estudantes negros. Aproveitara o vínculo criado para fazer nela dois dos estágios supervisionados; no Estágio Supervisionado V apresentáramos aos alunos do terceiro ano do ensino médio os cursos disponíveis na Universidade Federal de Uberlândia, perguntando posteriormente acerca de suas pretensões após o término do ensino médio. Alguns não tinham pensado em nada, uma grande parte dissera pretender ingressar em algum curso superior pago, cursos técnicos também apareceram como opção e uma pequena minoria dizia querer iniciar um curso na UFU. A maioria dos estudantes presentes era negra, havendo um grande número de mulheres negras.

Quando perguntávamos os motivos de não se fazer o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e tentar o ingresso na UFU a maioria dizia que isso seria impossível, afirmaram não ter capacidade por não ter tempo de se dedicar aos estudos, acreditavam que os conhecimentos que possuíam não seriam suficientes quando comparado ao da maioria dos concorrentes das vagas. Disseram que uma Universidade como a UFU seria somente para pessoas que tivessem uma melhor condição social e tempo para dedicar ao curso, visto que compreendiam que os cursos de uma IES pública demandariam mais de seus alunos. Como os alunos em questão trabalhavam e estudavam, não tendo tempo disponível para dedicar à sua formação, optariam pelos cursos pagos, os quais afirmavam se adequar melhor às suas rotinas diárias, pois a exigência seria menor e o recebimento do diploma, visto por eles como prioridade e fim único do curso, ocorreria de forma mais rápida.

Assim percebemos que estes alunos não buscariam os cursos públicos por uma série de questões e estariam entrando majoritariamente nas IES privadas e nos cursos técnicos, confirmando assim a idéia de um setor privado massificado, no qual o ensino superior privado tem sido adotado apenas como complemento ao ensino superior público. A educação superior pública seria percebida por este grupo como um privilégio de pessoas com melhores condições sociais, sendo assim de pequena abrangência, seletiva, voltadas para a formação de carreiras tradicionais e bem estabelecidas, um mundo que mesmo quando desejavam participar, não lhes seria permitido. Deixavam

de desejar ou mesmo de trabalhar com esta possibilidade muito cedo em suas vidas e traçavam suas perspectivas dentro do que acreditavam ser permitido dentro da experiência social possuída, seria uma maneira de fugir de possíveis frustrações. O que tanto eu quanto Otacília havíamos vivido ao freqüentar cotidianamente o espaço de uma IES pública, somente viria a confirmar a opção feita majoritariamente pelo segmento negro, a ausência deles no espaço da Universidade, em um país e em uma cidade onde tratar-se-iam da maioria causa incômodo.

Rosa acreditava que o fato de ser negra em momento algum haveria lhe causado maiores dificuldades ou lhe trago qualquer transtorno nos lugares pelos quais passara. Pensava que as coisas teriam ocorrido desta forma pois somente trabalhara no setor de cuidado e limpeza, de acordo com ela, nele não existiriam restrições no que dizia respeito aos trabalhadores contratados.

Rosa: Uai, por mim que já trabalhei nessa área toda vida igual eu te falei, eu não tive não, graças a deus nunca tive empecilho pela cor não, eu como diz o ditado pela é, escolaridade e na época que eu era mais nova, curso porque não tinha tanto curso igual tem hoje né, então pra mim não foi difícil não, porque a área de limpeza também você não vai ficar né, não vou te querer porque você tá nova, ou porque é velha, ou porque você é negra ou sei lá porque for né, como diz o ditado, então procurei lá a primeira empresa que eu trabalhei, trabalhei lá um tempinho até bão, mas nunca tive essas dificuldades não, graças a deus.

Ela, Maria e Edna (encarregada da empresa Servicorp) falaram sobre suas experiências diárias relatando a importância que as pessoas, de uma forma geral, atribuíam às aparências. As três disseram se vestir de forma "simples" e por isso acreditavam receber uma diferente forma de tratamento de pessoas com as quais se encontravam ocasionalmente. Rosa e Maria constataavam o tratamento diferenciado quando saíam às compras, ambas afirmaram que entravam em lojas e que por mais que os atendentes estivessem desocupados não se dispunham a recepcioná-las, Rosa acreditava que isso ocorreria somente por causa de suas vestimentas, já Maria e Edna avaliavam que a cor também seria um dos motivos da negligência por parte de desconhecidos.

Por mais que Rosa não tenha afirmado que a negligência ocorreria por causa de sua cor, fora somente quando questionada sobre a possibilidade de ter encontrado maiores dificuldades pelo fato de ser negra que relatara suas experiências de

discriminação no comércio, por mais que não atribuísse os acontecimentos à sua negritude, vivê-los-ia de forma relacionada. Rosa e Maria somente haveria sentido negligência no ato da compra, em uma sociedade na qual ser consumidor assumira o status do ser cidadão, em que os dois elementos foram imiscuídos, somente seriam dignos de respeito os possuidores de poder de compra. De acordo com a perspectiva traga por elas, os vendedores em questão atribuiriam maior poder de compra a outros clientes, baseando suas ações em um estereótipo socialmente construído, no qual uma mulher negra vestida de forma "humilde" não seria uma potencial consumidora ou mesmo que fosse seria uma consumidora "pior" do que uma branca "bem vestida"; o menosprezo sofrido por elas era justificado nesta concepção estereotipada.

Para responder às formas de tratamento preconceituosas ambas disseram não tomar nenhuma atitude imediata, não constrangeriam ou mesmo se dirigiriam aos vendedores, somente saíam da loja, optando por fazer suas compras em outra, retomando nelas e no ato da compra o status de cidadãs/consumidoras. Edna relatara que os olhares de julgamento direcionados às suas roupas e à sua cor eram diários e em qualquer lugar por onde passava, para ela esse tipo de comportamento faria parte de um problema maior, fundamentado na formação racista do povo brasileiro.

Para Rosa por vezes negritude e pobreza se confundiriam, quando faláramos sobre uma possível diferença entre os segmentos brancos e negros para conseguir trabalhar e estudar, ela afirmara a existência de uma diferença. Por mais que não acreditasse que em algum momento tivesse sido preterida por sua cor ou mesmo por sua condição econômica, relatara a experiência de uma sobrinha, que não seria negra, mas filha de negros e pobre, segmentos que de acordo com ela passaria por maiores dificuldades.

Rosa: parece que pra pessoa branca como diz, no vocabulário, eu penso que os branco tem mais, eu acho, no meu pensar eu acho, tenho uma sobrinha mesmo ai tadinha, começou a fazer faculdade esse ano. Aline: faz aqui? Rosa: é, faz Ciências Contábeis, pejejo, pejejo, não é por causa da cor nem nada, porque ela é bem, nem parece que ela é filha de negro, porque ela é bem clarinha, bonita até ela, muiezão, mas assim parece que tudo pra pobre ou pra negro parece que é mais difícil né, pra poder conseguir as coisas, conseguir bolsa aqui, consegui coisa pra alimentar, até hoje ela não conseguiu, então isso ai eu acho que já interferencial não sei se é por causa da classe social dela, eu não sei eu acho que tem sim. Aline: nessa parte existe uma diferença? Rosa: existe né, porque essas universidade eu acho que eles falam que não tem, ah! mas eu acho que tem muita politicagem né, então é muito complicado essa área né. Aline: em todo lugar tem né. Rosa: em todo

lugar como diz, ainda mais federal como é aqui é muito complicado, eu vejo muita coisa aí né.

Perguntara a Dina sobre sua cor, ela possuía todos os traços que eu considerava de pertencimento ao segmento negro, porém sua pele era um pouco mais clara, ela como a entrevistada Edna, parecia não considerar-se negra. Edna como disse ao descrever nosso diálogo, assim que lhe atribuirá a cor negra, ficara visivelmente consternada, no caso de Dina resolvera perguntar primeiramente pelo fato de sua pele ser mais clara. Ela dissera ser morena e gostar disso, uma vez que "eles", o "eles" em questão referia-se aos homens de uma forma geral, preferiam as morenas.

Aline: Você se considera de que cor? Dina: eu? Aline: é. Dina: cor? Aline: é. Dina: eu sou morena, acho que se eu to branca porque eu trabalho direto de calça, as perna é branca, os braço, eu sou morena, eu sou satisfeita eles gostam é das morena né. (risos da entrevistadora)
Dina: é, meu marido mesmo fala assim 'eu gosto é do cê morena' e ele é branquinho.

Como ela não se considerava negra, não faria sentido perguntar sobre dificuldades ocasionadas pela cor, ao invés disso conversáramos sobre o fato de ser mulher, se isso teria em algum momento sido para ela um problema.

Dina: Ah! no começo quando eu fiquei grávida, aí eu passei uns apertos, adoeci né no resguardo, não sei se porque assim eu tava passando falta de dinheiro, não podia trabalhar né, tava no resguardo, depois eu fiz um tratamento aí foi tocando o barco do jeito que deus quis. Aline: mas você acha que teve então maiores dificuldades por ser mulher? Dina: não só quando eu tava de resguardo, adoeci né, a minha irmã teve que me ajudar a cuidar do meu menino, depois eu passei a cuidar dele quando eu fiquei boa né. Aline: hurum. Dina: já arrumei uma casa pra mim, já busquei ele, aí nos moramos juntos, até os vinte e oito anos a gente morou junto.

Para Dina as condições entre negros e brancos poderiam ser iguais, desde que não houvesse falta de vontade de trabalhar, de acordo com ela as diferentes condições sociais se dariam devido ao fato de que muitas pessoas não se dedicavam ao trabalho. Dissera conhecer pessoas que reclamavam constantemente de suas situações, porém não

fariam nenhum esforço concreto para as mudanças. Afirmara gostar muito de trabalhar, o que não seria um comportamento comum, faria suas atividades com prazer desde que não fosse incomodada.

Dina: Acho que pode ser assim igual, só se não tiver coragem de trabalhar. Aline: então você acha que não existe essa diferença? Dina: não uai, só se não quiser trabalhar não é? Aline: é depende, não sei, vou deixar só você falar. (risos da entrevistadora) Dina: não, às vezes é porque não quer trabalhar mesmo, conheço muitos, eu gosto de trabalhar, não gosto que me perturba e me amola, sabe, eu gosto.

Elis denominara as práticas discriminatórias enfrentadas no seu cotidiano como racismo, dizendo que elas haveriam sido recorrentes. Afirmara ter sido discriminada ao buscar por trabalho, pelo pai de um de seus filhos e também por sua sogra. Elis tinha vitiligo, que consiste na perda de pigmento em algumas partes da pele, o que haveria deixado algumas manchas brancas por seu corpo, avaliara que estas manchas seriam o motivo por ter sido descartada nas vezes em que saíra para procurar emprego. Descrevera uma de suas experiências de trabalho, dizendo ter trabalhado na casa de uma mulher tão racista que não permitiria que Elis encostasse em seus filhos, além de sua sogra atual que costumava passar álcool onde ela tocava:

Elis: Eu sofri muito racismo. Aline: você sofreu? Elis: lá em Goiás principalmente, é por fato né, nem tanto de eu ser negra, que eu tinha, eu tenho umas mancha na pele. Aline: vitiligo? Elis: é, trabalhava na casa de uma mulher que era racista, eu sofri racista com os próprio pai do meu filho, do meu menino mais velho. Porque quando ele nasceu, ele cuspiu no chão e falou 'sai daqui com esse negrinho'. Aline: que é isso, mas o pai do menino? o pai, meu primeiro homem que eu tive foi ele, por isso que eu fui mãe e pai dele. Aline: mas é até melhor para o menino, porque como você vai querer que uma pessoa dessa tenha contato. Elis: eu sofri muito racismo, eu sofri racismo com a minha sogra (risos da entrevistada) que eu to vivendo agora, ela é meio racista. Aline: mas assim como isso se manifesta? Elis: tipo assim, se você pega no armário ela vai lá e passa álcool. Aline: que isso Elis! Elis: quando cê vai... Aline: e você mora junto com ela? Elis: não, misericórdia. Aline: porque se não era um inferno. Elis: eu cheguei a separar do meu marido por conta dela, porque ela não aceitava nem eu e nem o meu menino mais velho né, aceitava os neto. Aline: você deve ter uma relação muito difícil com ela então. Elis: agora tá mudando muito.

Afirmara que comparando os segmentos de brancos e negros existentes em nossa sociedade, haveria uma desigualdade de condições sociais entre os dois grupos, apontando a Universidade, seu local de trabalho, como uma forma de constatar sua afirmativa. Comparado à quantidade de brancos presentes na Universidade, o número de negros seria ínfimo, além disso, nela as manifestações de racismo seriam constantes.

Aline: Você pensa que, isso também a partir da sua experiência pessoal que existem diferenças nas condições de pessoas brancas e de pessoas negras, você acha que tem alguma diferenciação? Elis: Uai tem. Aline: você acha que sim? Elis: tem. Aline: mas em que sentido? você acha que eles tem, algum deles tem privilégios? como que você vê isso? Elis: principalmente aqui nessa faculdade (risos da entrevistada) aqui é o exemplo (risos da entrevistada) Elis: não é? Aline: sim. Elis: porque a porcentagem se você olhando lá, o negro é pequenininho. Aline: são poucas pessoas mesmo. Elis: principalmente aqui e têm muitos aqui que ainda é racista, principalmente aqui, eu vejo, nesse tanto de ano eu vejo, então eu tomo a faculdade como exemplo (risos da entrevistada e da entrevistadora) Aline: nem precisa ir muito longe não né! Elis: não.

Ao questionar Alvani acerca da possibilidade de ter sido preterida em algum momento de sua vida por ser negra, afirmara que não teria ocorrido. Posteriormente dissera que não haveria diferenças, no que se refere às condições sociais desfrutadas pelos dois segmentos raciais em questão. Edna afirmara ter enfrentado muitas dificuldades pelo fato de ser uma mulher negra, tendo recebido tratamento e olhares carregados de ignorância, atribuídos à sua cor. Não apontara nenhum acontecimento específico, afirmando que estas situações haviam sido recorrentes em sua vida. Quando conversáramos sobre uma possível diferenciação nas condições de brancos e de negros, concluirá haver muita em nosso país, nele a cor seria critério de seleção, em sua tentativa de inserção social o negro certamente seria preterido, os brancos teriam preferência, fizera estas afirmativas ao refletir sobre todo o histórico nacional de exclusão racial. Para Edna o fato de um negro não ter a mesma oportunidade que um branco seria um dos sintomas da desigualdade racial no país e uma das formas de manifestação do racismo.

Aline: partindo dessa experiência pessoal, você acha que na nossa sociedade, existe alguma diferenciação, há alguma diferenciação entre os brancos e os negros? Edna: existe, existe e muita entendeu, mas igual eu to te falando, a pessoa já te olha só por causa da sua cor, às

vezes até podia te dar uma chance,mas por causa da sua cor não dá, entendeu, é super, é um racismo tão grande nesse nosso país que...
Aline: entendi.

Sônia fora breve em sua resposta, porém seu semblante mudara perceptivelmente, o questionamento lhe causara reflexão e desconforto. Dissera ter sentido muitas coisas que a haviam incomodado, as quais ela atribuía ao fato de ser uma mulher negra, indo adiante e pedindo que relatasse uma destas experiências, ela somente respondera que eles sempre discriminavam as pessoas de cor escura, não determinando quem seriam "eles". Em sua fala parecia se tratar da sociedade de uma forma geral, afirmara não se lembrar de nenhuma experiência que pudesse ser relatada, mas que havia sentido com frequência a diferenciação ocasionada por sua cor. Avaliara que brancos e negros partiriam das mesmas condições sociais, que a diferença seria que alguns possuiriam mais capacidade do que os outros.

Aline: Isso também a partir da sua experiência pessoal, você acredita que pessoas brancas e pessoas negras têm as mesmas condições?
Sônia: Tem. Aline: você acha que partem das mesmas condições?
Sônia: parte. Aline: é, para conseguir as coisas? Sônia: hum. Aline: é. Sônia: dependendo da pessoa. Aline: como assim? Sônia: tem gente que talvez tem mais, mais capacidade, tem uns que não tem mais, tem assim tem uns não é, independente da cor. Aline: independente da cor você acha que... Sônia: tem as mesmas condições de trabalho, qualquer coisa. Aline: entendi.

Estas foram algumas das experiências relatadas pelas serventes de limpeza da Universidade Federal de Uberlândia sobre como viviam a sua condição de mulheres negras. Vivências variadas como a experiência individual de cada sujeito histórico, algumas não haveria sentido nenhum conflito concreto motivado pela cor, outras tiveram suas trajetórias de vida muito marcadas e algumas vezes até determinadas por ela. Ser negra aparece em suas falas como uma experiência complexa e diversa, em alguns casos carregadas de muito sofrimento, em outros como um prazer e também como uma forma de luta contra um meio hostil.

Considerações finais

A minha entrada na Universidade fora algo pelo qual eu muito ansiara e que avaliava estar além de minhas reais possibilidades. Falarei um pouco sobre minha trajetória de vida e de como cheguei à Universidade, de toda a importância que a minha participação na construção deste lugar teve para mim, me permitindo ver novos rumos e como afirmara Paulo Freire, me possibilitando ser mais. Minha mãe, uma pessoa que com o passar do tempo aprendi a respeitar muito, trabalhou no serviço doméstico desde sua infância, soube por terceiros sobre suas experiências difíceis nestes empregos, tenho algumas lembranças de quando ela exercia seu trabalho, originadas nos momentos em que tive que acompanhá-la. Ela não pudera estudar e sua necessidade de trabalhar desde criança se justificaria pelo fato de que meu avô havia deixado a minha avó com seus cinco filhos, saíra um dia e não mais voltara, uma das filhas fora entregue à uma família no interior de Goiás e o contato com ela fora restabelecido recentemente.

Soube que as condições de vida com a presença de meu avô já não eram fáceis, quanto ele se foi o peso havia recaído totalmente sobre minha avó, que também exercia serviços domésticos e auferia uma renda muito pequena, insuficiente para alimentar tantas pessoas. Desta forma todos começaram a trabalhar ainda crianças e como não possuíam nenhuma preparação foram relegados a serviços “precários” e informais, as mulheres se dedicavam majoritariamente ao serviço doméstico e o meu tio, o único homem, exercera funções variadas. Meu pai não havia sido criado por seus pais biológicos, soube que meus avôs paternos tiveram grandes problemas com o alcoolismo, meu avô seria muito violento e a relação familiar muito conturbada. Quando minha avó morreu ele seria ainda muito jovem e assim fora morar com outra família, havia vivido com eles até a idade adulta, momento em que ele e minha mãe se casaram.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, tanto meu pai quanto minha mãe buscaram e se empenharam em conseguir o que avaliavam como melhor para mim, eles não se importavam de ter que trabalhar mais para que eu pudesse me dedicar aos estudos e fizeram isto por muito tempo. Comecei a trabalhar quando tinha quinze anos, o meu primeiro emprego fora como babá e doméstica, estudava pela manhã e trabalhava durante toda a tarde, guardo lembranças boas desta experiência, estabeleci uma relação de amizade com meus patrões e com seus filhos, posteriormente tive algumas não tão

boas quanto esta, mas que também foram muito relevantes para minha formação. Lembro que sentia vergonha por trabalhar ali e pelo tipo de trabalho prestado, antes não compreendia os motivos que me levaram a me sentir daquela forma, refletindo um pouco mais avalio que tenha ocorrido devido ao fato de que na maior parte do tempo houvera dividido locais de convivência e sociabilidade com pessoas que não pertenciam ao meu grupo social, mas sim com pessoas que contratavam estes serviços; posso ter me visto por meio do olhar dos outros. Minha mãe tivera muitos problemas com suas irmãs e meu pai perdera contato com a família que o havia adotado, o meu contato familiar fora quase nulo no período de minha infância e adolescência.

Havia sido socializada desde a infância com crianças que possuíam uma condição material muito diferente da minha, comecei a estudar aos quatro anos de idade, freqüentando o jardim de infância na Escola Estadual Conselheiro Afonso Pena e dele até o início do ensino médio dividira espaços e experiências com um grupo de pessoas que viviam uma realidade muito diversa da minha, filhos de advogados, de médicos, de grandes latifundiários e grandes comerciantes da cidade. Em alguns momentos minha mãe estava empregada na casa de algum dos meus colegas, o que me deixava ainda mais constrangida. Por mais que estivesse entre eles eu não me sentia tratada como igual e nem me considerava como uma integrante do grupo, algumas distâncias existentes entre nós naquela época só vieram a ficar evidentes para mim recentemente.

Ter sido socializada com este grupo fez com que eu acreditasse fazer parte da “realidade” deles e a desejar o que desejavam. Após o término do ensino médio muitos destes colegas com os quais eu ainda mantinha contato mudaram-se para fazer cursinhos pré-vestibulares ou mesmo para dar início ao ensino superior em outras cidades (naquela época não havia instituições de ensino superior na cidade), me senti desamparada e cada vez mais sozinha, queria fazer o mesmo que eles, mas minha condição material não permitiria, lembro que sofri muito por isso. A socialização com um grupo do qual eu não me considerava parte, por mais que desejasse ser igual e próxima a eles, e a dificuldade em estabelecer contato com pessoas do meu grupo social, me lembro que havia um distanciamento evidente entre eu e as pessoas que possuíam uma condição material próxima à minha, não conseguia compreendê-los e nem eles a mim, estes fatores fizeram com que não me considerasse pertencente nem a

um lugar e nem ao outro, a sensação de deslocamento e de não pertencimento foram constantes em minha vida.

Aos vinte e dois anos de idade, alguns anos após concluir o ensino médio (o que aconteceu quando eu tinha dezessete anos), uma tia, irmã do meu pai, fora passar alguns dias em nossa casa, ela morava em Uberlândia há pelo menos dez anos e durante este período mantivera contato com meus pais. Nesse momento eu trabalhava como assistente administrativa em uma empresa que prestava serviços como assistência técnica autorizada a algumas marcas de eletrodomésticos, odiava trabalhar naquele lugar, tinha uma ótima relação com os outros funcionários, porém uma relação muito difícil com minha patroa, tanto eu quanto eles sentíamos o desgaste ocasionado pelas posturas autoritárias adotadas por ela, lembro que meus domingos eram cheios de agonia por pensar que na segunda deveria retornar ao trabalho.

Nesse momento minha tia me convidara para vir morar com ela em Uberlândia, ficara entusiasmada e com um pouco de medo, penso que ela tenha sido capaz de perceber toda a frustração que eu sentia naquele momento por não poder fazer o que de fato queria e por estar afundada em algo que não gostava. A vontade de cursar o ensino superior era latente, minha fuga era ler pilhas e pilhas de livros com o intuito de suprir um pouco desta necessidade. Pedi demissão do lugar onde trabalhava e contra a vontade de minha mãe e com o apoio do meu pai fui morar com ela, morávamos eu, ela, seu filho e sua ex-sogra em uma casa no Bairro Jaraguá, próximo a um cemitério bem popular da cidade. Mantive-me por algum tempo com o dinheiro recebido após a rescisão contratual do último trabalho e com alguns meses do seguro desemprego, logo começara a trabalhar cuidando da limpeza da cozinha e do caixa em uma lanchonete localizada próxima ao local onde morava. Neste mesmo período estudava em um cursinho pré-vestibular mantido por voluntários chamado Futuro, entrei na Universidade dentro de pouco tempo, fora um grande acontecimento para mim, me lembro da felicidade e esperança vividas por mim em pensar na nova possibilidade.

Iniciara o curso de História na UFU e continuara indo ao trabalho durante a madrugada na lanchonete, depois de um tempo o desgaste causado pela rotina de trabalhar durante a madrugada e estudar pela manhã fora muito grande, havia pensado em deixar o curso em alguns momentos devido ao cansaço. Conversando com meus pais e relatando parte de minha experiência, eles decidiram me auxiliar da forma

como podiam, assim fora possível deixar o trabalho e me mudar para um local mais próximo à Universidade, isso deve ter ocorrido depois de pelos menos dois anos de curso. No momento transitava entre inúmeras possibilidades de temas de pesquisa, sem encontrar sentido em nenhum deles, tentara alguns temas sem de fato ter interesse, assim mudava constantemente de idéia e de tema. Deixara o curso por duas vezes, por desmotivação, por incerteza e por necessidade financeira, trabalhando nestes períodos. Fora um momento no qual me sentia muito frustrada, não conseguindo ver sentido no curso e na atividade a qual me dedicaria, naquele momento o curso de história perdera totalmente o sentido para mim. O retorno à Universidade, o segundo retorno, havia deixado o curso por duas vezes, fora muito diferente. As experiências que havia vivido me deixaram mais aberta e motivada.

Neste momento estava preparada para viver o que a Universidade oferecia e de fato fazer parte dela, estar lá me permitira o contato com muitas pessoas e idéias diferentes, creio que até o momento seja o espaço de maior importância na minha formação pessoal, o que acredito não se dissociar da profissional. Nela pude entrar em contato com grupos que discutiam e se dedicavam a questões sociais, assim começara a participar do Movimento Estudantil, nele entrara em contato com as questões referentes às condições da população negra no país e das mulheres negras em específico, no processo de conhecimento e discussão das idéias fora quando me percebera de forma evidente como negra. O espaço da Universidade e as relações construídas no Movimento Estudantil deixaram-me a vontade com minha condição e com minha cor, pela primeira vez percebera que não precisava mais negar minha condição de mulher negra, pois entre as pessoas com as quais me relacionava, nos espaços que dividíamos, ela era aceita. Depois de um período dedicada à participação e à construção de espaços de discussão com o grupo, começara a perceber algumas das limitações teóricas e práticas nos membros, os quais por algum período creio ter idealizado, como eu estava dentro de tudo isso, começara também a perceber as minhas limitações, que eram bem parecidas com as do grupo.

No início de minha participação no Movimento Estudantil da UFU e por todas as reflexões possibilitadas a partir daí, me deparara com um tema que havia despertado o meu interesse e me motivara à pesquisa. Começara a pensar de forma muito incipiente em falar das condições das mulheres negras na sociedade e para isso pensara em procurar as mulheres negras organizadas em algum movimento social da cidade.

Assim se iniciara meu contato com algumas mulheres que participavam de dois movimentos sociais em Uberlândia, do Monuva (Movimento Negro Uberlandense Visão Aberta) e Grucon (Grupo de União e Consciência Negra de Uberlândia). Fora à casa da presidente do Monuva e conversamos acerca do que pretendia pesquisar e ela dissera poder me ajudar na aproximação com as mulheres negras participantes de movimentos sociais, uma vez que estava no meio. Gradualmente fizera algumas alterações na proposta inicial, mudara o sujeito histórico sobre o qual pesquisaria. Mudara das mulheres negras dos movimentos sociais de Uberlândia para as mulheres negras trabalhadoras do serviço terceirizado de conservação e limpeza da UFU. A mudança acontecera juntamente à alteração nas minhas perspectivas pessoais e visão de mundo, como havia dito anteriormente, após um período de participação no Movimento Estudantil da UFU percebia as limitações dele, de suas defesas que eram também minhas. Por mais que fosse levantada a bandeira da igualdade, ela não ocorria nem no interior do movimento. Começara a notar que a opinião e a participação de alguns era nitidamente considerada mais importante que a de outros, além do mais opiniões dissonantes não seriam bem-vindas, sendo rechaçadas pelo grupo. Por mais que os grupos em seus discursos se colocassem como contrários às práticas machistas e pregassem a igualdade das mulheres, nós mulheres éramos evidentemente tolhidas e desmotivadas em nossas participações.

Percebi aos poucos que me mantivera calada por muito tempo, tento sido conivente com posturas que reprovava e que ao não falar abertamente sobre o incômodo causado, estava concordando com o que estava sendo posto. Quando manifestava as minhas discordâncias, era tolhida recebendo tratamento hostil por parte de alguns membros do grupo. Percebendo assim que a democracia pregada e almejada por este pequeno grupo de estudantes somente seria validada quando desembocava em benefícios particulares, não indo além de um oportunismo medíocre. Assim minha sensação de não pertencimento retornara e ainda mais forte. Depois de mais uma crise pessoal, após uma longa avaliação sobre mim e sobre minha postura frente ao mundo surgira uma nova vontade, a de me aproximar das trabalhadoras do setor de limpeza da Universidade. Amadureci gradualmente esta idéia juntamente à professora Célia, que esteve presente neste percurso, tentando fazer com que eu definisse meu tema de pesquisa e que nele me encontrasse.

A escolha do tema e o processo de pesquisa foram centrais para meu amadurecimento pessoal e profissional, para o encontro que tive comigo mesma, vejo que o processo de autoconhecimento não tem fim e que estou somente no início do meu. Na temática estão misturadas as memórias pessoais que relatei anteriormente, foram a minha trajetória de vida e as minhas experiências pessoais que trouxeram as inquietações presentes na pesquisa, as minhas experiências misturam-se às delas. Para mim a negritude e a classe social a qual pertenço havia se constituído como um peso na maioria das vivências, as dificuldades que havia encontrado para obter emprego, a falta de perspectiva, a limitação no que dizia respeito às minhas possibilidades foram alguns dos elementos que fizeram com que começasse a olhar de maneira mais detida para os negros, principalmente para as negras e para os locais que ocupavam em nossa sociedade. Me reconheço no tema escolhido, olho para as mulheres presentes na pesquisa e percebo que refletir acerca das condições delas, possibilitou que enxergasse melhor a minha. Buscava por soluções e esta busca me levou a inúmeras outras reflexões, percepções e experiências que não se esgotam neste trabalho, as quais serão acrescentadas a este processo infinito de conhecimento chamado vida.

REFERÊNCIAS:

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DPEA, 2006.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história.

MARCONDES, M.M.; PINHEIRO, L.; QUEIROZ, C.; QUERINO, A.C.; VALVERDE, D.; *Dossiê Mulheres Negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. Brasília : Ipea, 2013.

PORTELLI, Alessandro. *Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI*.

PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho*. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: Projeto História. São Paulo, 1997.

PREFEITURA UNIVERSITÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. *Projeto Básico Serviço de Limpeza Predial*. Uberlândia, 2013.

SADER, Eder. Quando os novos personagens entram em cena.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

THOMPSON, Edward Palmer. A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser.